

Leila Leite (organizadora)

Nós, as mulheres

Projeto
Não Sou Eu Uma Mulher?



Editora Gato Ed

Leila Leite (organizadora)

Nós,
as mulheres



Projeto
Não Sou Eu Uma Mulher?



Editora Gato Ed

As mulheres existem e mudam a história todos os dias, quando estudam um pouquinho mais, quando sonham e brigam para realizar esse sonho. Este é um livro que traz trajetórias de mulheres que todos os dias são o que querem ser, que são o oposto do que espera a sociedade machista. Lideranças religiosas, poetisas, escritoras, professoras, jornalistas, mães, esposas, namoradas, amigas, filhas, todas com suas histórias querendo apenas viver nesse mundo misógino, machista, sexista e que ainda não considera as mulheres como pessoas. Mas, sim todas aqui somos mulheres, diversas e em busca de algo mais.

Leila Leite



ISBN 978-65-284-0312-7



Comitê Científico

Lucélia Leite Ferreira

Mestra em antropologia-Seduc- PA/ Semec Belém

Euzalina da Silva Ferrão

Doutora em Antropologia-SEDUC-PA

Ana Lídia Nauar

Doutora em Antropologia-UEPA

Jorgete Lago

Doutora Etnomusicologia-UEPA

Rosaly de Seixas Brito

Doutora em Antropologia- PPGCOM/UFPA)

Rosa Lucia Lima da Silva Correia

Doutora em Antropologia-NEABI-UFAL

Ivonete Pinheiro

Doutoranda em Antropologia-PPGAS UFSCar

Maria Cristina Maneschy

Professora Aposentada da Universidade Federal do Pará

Telma Amaral Gonçalves

Doutora em Antropologia- UFPA

Carla Figueiredo Marinho

Doutora em Antropologia- EHNAPAM/UFPA

Avelina Oliveira de Castro
Doutora em Antropologia-FUNTELPA

Luciana Moreira dos Reis
Mestra em agriculturas familiares e desenvolvimento sustentável - UFPA

Lilian Silva de Sales
Doutora em Ciências Sociais-UFPA)

Kátia Bárbara da Silva Santos
Doutora em Sociologia-IFPA.

Waldileia Amaral
Doutora em Sociologia- IEB

Carla Cilene Siqueira Moreira
Mestra em Sociologia - UFPA

Uendy Oliveira Feitosa
Mestra em Educação-Facultad Interamericana de Ciencias Sociales

Comitê Editorial

Anne Cavalcante
Escritora-Academia de Letras de Belém-ALANIN

Leila Cristina Leite Ferreira
Doutora em Antropologia-Editora Gato Ed

Léliam Maria Lobato do Carmo.
Advogada-OAB/Pa.

Lucélia Leite Ferreira
Mestra em antropologia-Seduc- PA/ Semec Belém

Marta Inês Ferreira Lima Sarmento
Especialista em psicopedagogia e relações
étnico-raciais -SEDUC-PA.

Magnólia Borges
Escritora-Editora Gato Ed

Leila Leite (Organizadora)

Nós, as mulheres

**Editora Gato Ed
2026**

Capa: Leila Leite

Diagramação: Leila Leite

Imagem de capa: Canva

Edição: Leila Leite

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

N897

Nós, as mulheres [recurso eletrônico] / organização Leila Leite. — 1. ed. — Belém : Gato Ed, 2026.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-284-0312-7

1. Mulheres - Biografia. 2. Mulheres - Entrevistas.
3. Histórias de vida. 4. Feminismo. I. Título.

CDD23: 920.72

I-2901261

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

**Este livro é disponibilizado de forma gratuita em
seu formato E-book no site da Editora Gato Ed**

E-BOOK GRATUITO



Colaboração

Colabore com nosso trabalho doando qualquer valor, assim você nos ajuda a continuar distribuindo e-books gratuitos, alimentando nossos pets com qualidade e realizando nossos eventos.

Pix:editoragatoed@gmail.com

Leila Cristina Leite Ferreira



Algumas palavras

Aqui estão expostas várias experiências que nos mostram que as mulheres estão fazendo a sua parte, pensando, estudando, liderando, cada uma em sua área, cada uma com seu querer, todas buscando e querendo viver.

As mulheres que aqui contam suas histórias falam sobre religião, literatura, educação, mas elas, principalmente, falam sobre sonhos e esperanças, todas renovadas a cada dia em que se reescreve.

A periferia perpassa a história de todas, a arte é produção e refugio, todas nos mostram que ser mulher é uma construção constante, não se pode parar nem achar que acabou.

Quando Elizabeth, Silvana e Telma contam suas trajetórias, renovam sua fé e sua liderança em suas religiões que carregam a marca de nossa colonização e resistem contra o apagamento.

Olivia nos conta do corpo trans e se junta com Magnólia, Anne, Franci, Rejani, Márcia, Eli, Leila, que falam de suas vidas entrelaçadas com a arte. com a criatividade que começou na infância.

Na educação, nós temos Eli, Denise e Nádia, cada mulher contando de seu envolvimento com essa parte tão importante da vida e que possibilita a existência de muitas outras histórias profissionais e realização de sonhos.

No jornalismo, Gê Dias apresenta sua trajetória enquanto artista, criança da periferia que sonhou, trabalhou e vem realizando sua vida com contos, poesias e teatro.

Na música, Ligia traz a sua trajetória com dor e alegria, repleta de uma sonoridade que nos leva por seus caminhos entre Belém e o Rio de Janeiro, nos emocionamos com a perda de seu filho e nos alegramos com seu sucesso musical.

Yveli, vem com uma dura verdade em seu relato de um dia em que só o cansaço restou, as palavras impostas pelo machismo, as ofensas em forma de elogio, qual mulher nunca se viu nesse momento?

O machismo que nos segue, nos persegue em todos os passos, tenta nos silenciar, nos mata, nos humilha e não aceita que somos todas mulheres, pensamos nossas realidades e gritamos também através de nossas escritas: **SIM, SOMOS TODAS MULHERES E QUEREMOS VIVER!**

Sumário

Mulheres na Afroreligiosidade 12

- Eu sou, Elizabeth Pantoja 13
- Eu sou, Telma Lúcia da Silva Barro 15
- Eu sou, Silvana Nazaré Bentes da Silva 17

Mulheres na Literatura 25

- Eu sou, Olívia Pethrova 26
- Eu sou, Magnólia Borges 32
- Eu sou, Anne Cavalcante 59
- Eu sou, Francilene Rocha Pires 68
- Eu sou, Rejani Aguiar 79
- Eu sou, Márcia Libonati 84
- Eu sou, Eli Galvão 88
- Eu sou, Leila Leite 92

Mulheres na educação 102

- Eu sou, Eli Pinheiro 103
- Eu sou, Denise Machado Cardoso 111
- Eu sou, Nádia Carvalho 123

Mulheres no jornalismo 141

Eu sou, Gê Dias 142

Mulheres na Música 152

Eu sou, Ligia Saavedra 153

Mulheres eo Cansaço 162

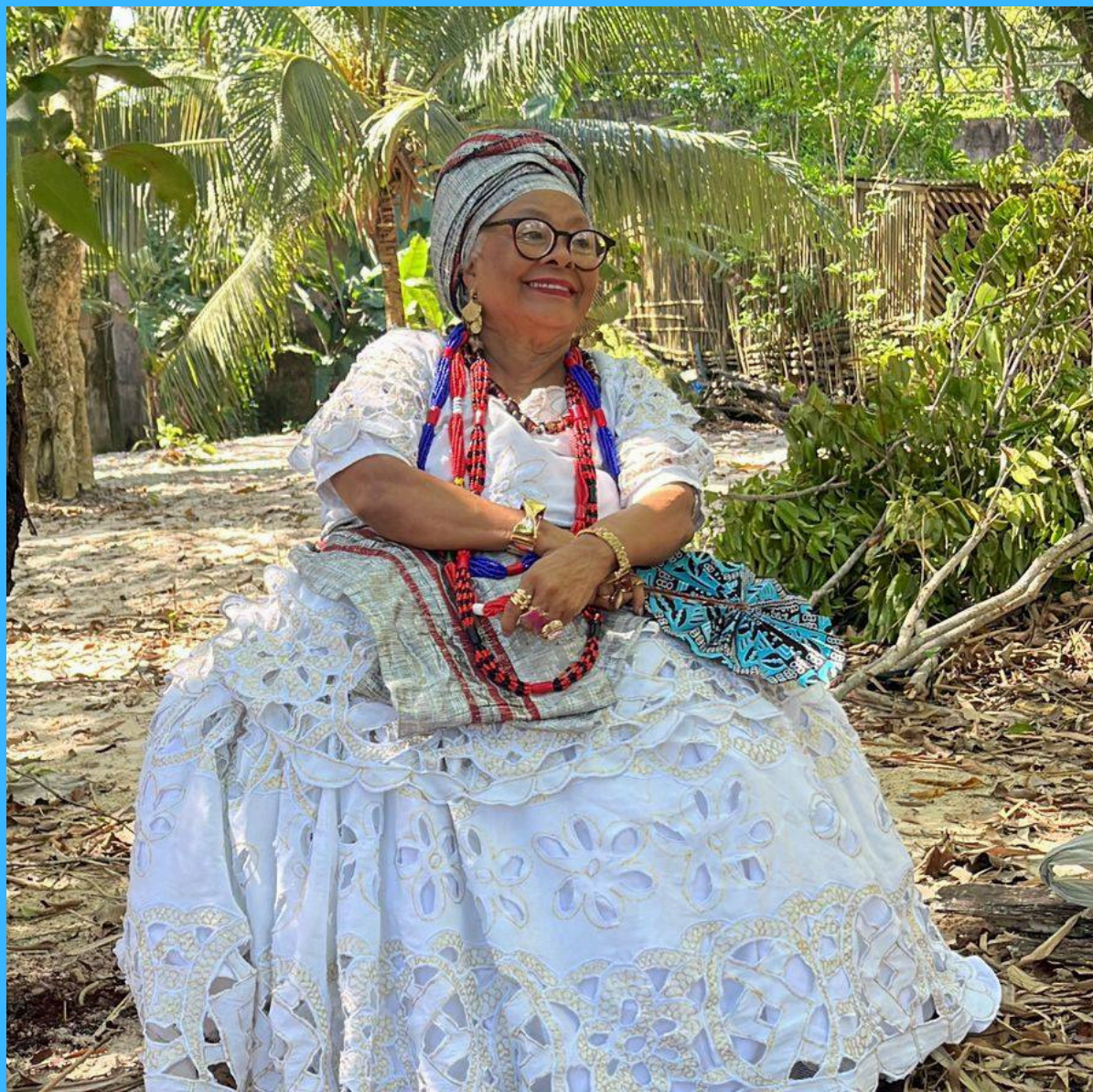
Eu sou, Yveli Luna de Azevedo.163

Algumas imagens 166

Mulheres na Afroreligiosidade



Eu Sou
Elizabeth Pantoja





Sou Elizabeth Pantoja

Sacerdotisa mam'etu Muagilè do Rundembo N'gunzo wá Bamburusema Junsara, mulher preta¹.

Quilombola, pessoa que pertence ao Patrimônio Cultural do Estado do Pará, Comendadora das comendas Eneida de Moraes e de Mãe Doca, Mestre de Cultura da Culinária Paraense do primeiro conselho Nacional de cultura para políticas públicas populares.

Também sou palestrante do culto afro Angola, dançarina afro, artista, compositora, atriz, produtora cultural do documentário “Rainha D'angola”.

Diretora do projeto Nós de Aruanda, presidenta do Instituto Bamburusema de Cultura Afro Amazônica (IBAMCA).

1- Mapa Cultural do Pará -
<https://mapacultural.pa.gov.br/agente/13203/#info>



Eu sou,
Telma Lucia da Silva Barro





Minha Trajetória

Meu nome é Telma Lucia da Silva Barro, nasci em, 2 de novembro de 1962. Meu início na religião afro foi no pai Severo, mas, deu uma loucura nele saiu quebrando tudo. Depois fui para mãe Severina, fiquei até quando deu deu. e estou com o pai Paulo até agora.

E quando saí de casa foi para ter minha liberdade e tive. Fui morar com uma amiga, aí comecei a trabalhar e deu tudo certo.

Uma coisa que tem uma grande importância para mim é o carnaval. Eu comecei no bloco do Quem é Quem, depois fui para o Rancho e depois veio a Rosa da Terra Firme. Eu ia pra aldeia e brincava nos blocos.

A ala das escolas que mais gosto é a das baianas, até que gosto das outras, mas a do coração é a das baianas mesmo.



Eu sou
Silvana Nazaré Bentes da Silva





Minha Trajetória

Eu sou, Silvana Nazaré Bentes da Silva, nasci em 16 de junho de 1966. Hoje eu atuo como uma doméstica e uma ialalorixá, só isso.

Eu faço assim uma greve para não fazer as coisas, eu já estou estourada. Eu sou uma mulher que não desisto da vida com todas as porradas que eu já levei. Eu sou uma mulher que eu sai de casa com 17 anos com um filho na barriga, porque eu vim de uma criação que tinha que casar e eu não queria casar porque o cara queria tirar o meu filho, o Tiago, ou eu ia morar no Maranhão com ele ou ia ter que tirar o Tiago pra casar.

E me vi no meio da rua com uma mochila na costa, quatro pares de roupa e segui pra Pedreira, morando na Terra Firme, andando, e não voltei pra casa dos meus pais.





ente se envolveu e hoje em dia ele é o pai dos meus filhos, inclusive do Tiago, ele assumiu o Tiago na minha barriga ainda, se quisesse ter enganado eu teria enganado, mas isso não ia me fazer ter uma consciência que eu tenho hoje da vida.

Segui a minha vida normal. Venho de uma família que a minha avó era mãe de santo, ela me falava as coisas mas eu não entendia direito, porque ela queria me transmitir, ela me dava banho de ervas, ela me benzia, mas eu não entendia mesmo. Naquele tempo eu não sabia o que ela queria pra mim. Houve uma grande confusão que minha avó queria que meus quinze anos fosse na umbanda e minha mãe nunca aceitou. Eu venho duma família que tem uma mãe que nunca aceitou a filha na umbanda.





A minha mãe bate muito na minha religião, mas eu relevo. Não vou ficar comprando briga com ninguém, principalmente da minha família, a gente tem que deixar as pessoas verem o que é a nossa religião.

Religião é a nossa vivência do dia-a-dia e hoje em dia, graças ao pai Oxalá, eu consegui conquistar o meu espaço dentro da casa do meu pai de santo. Eu tenho um pai de santo que já cuida de mim já faz trinta anos, eu nunca sai da casa dele.

Eu não sabia o que era um terreiro, eu fui para lá pela minha saúde, foi a Telma que me levou, naquele momento eu estava atravessando um processo de depressão.

E eu não sabia o que era terreiro e eu falei que eu só ia se o Aldenor fosse, esse era meu nível de dependência, eu era totalmente dependente nessa época, ele foi comigo lá no barracão.





O meu pai conversou com ele e perguntou se ele queria a minha saúde, se ele queria que eu criasse os filhos dele, ele falou que aceitava. Eu tinha aquele medo de ser mais uma que eu ia enfrentar na vida, dele não querer, mas ele não bateu na minha espiritualidade, ele deu a mão como ele dá até hoje.

Hoje em dia eu me sinto uma mulher realizada, criei meus filhos, estou ajudando a criar meu netinho, a outra minha neta que viajou, o Guilherme.

Demorou para ter o meu espaço, mas agora está saindo, tudo é no seu momento, porque nada é da noite para o dia, eu acho que tudo que vem muito rápido não tem nem seu valor.

Eu sou uma filha do caçador, de Oxóssi, um bom caçador tem que esperar sua caça, a presa cair na armadilha, o caçador que se afoba muito vai perder a caça. O tempo me ensinou a ver o limite, até o meu problema de saúde, que eu sou diabética, perdi um pouco a visão, mas não me desanima, eu consigo enfrentar as minhas barreiras com as minhas dificuldades, sou feliz do jeito que eu sou.





O carnaval

O meu envolvimento com o carnaval, onde eu conheci o seu Nonato Filgueiras, naquele tempo era um bloco, não era escola ainda, foi porque eu não estava legal da minha cabeça.

Eu estava caindo na depressão novamente e eu tinha que ocupar a cabeça mesmo. Acho que nem o seu Nonato sabe dessa parte.¹ Eu fui andando lá pela passagem ligação e um amigo meu disse, 'olha, ali a gente faz fantasia'.

E foi aí que conheci Ivana, Socorro,⁶⁻⁷⁸ Ieda, que já partiu, que também era da nossa escola de samba, que era irmã da Ivana, que era a presidente da escola. E lá eu me dei para fazer parte do carnaval, eu entrei como voluntária, todo mundo entra como voluntário porque, ninguém entra para fazer o carnaval sabendo, você vai ter que aprender e para você aprender, você vai ter que passar pelo processo de experiência.





Eu não sabia o que era fazer uma colagem na fantasia, eu não sabia fazer chapéu, hoje em dia eu tenho curso de chapéu, o curso que eu fiz dentro da escola de samba de reformas de imagem de gesso, que foi o seu Nonato que pagou, curso de pintura no azulejo, tudo pela escola. Tudo o que a escola de samba pôde me oferecer de aprendizado, eu não desperdicei.

Eu nasci dentro do bloco Quem é Quem na Folia,¹ depois que foi pra separar o bloco da escola de samba, que veio a Escola de Samba Rosa da Terra Firme.

O nome é Rosa da Terra Firme é uma homenagem a mãe do seu Nonato Filgueiras, a Dona Rosa. Eu fico muito triste porque eu estou vendo a queda da nossa escola a cada dia mais, mas eu penso em dias melhores, esse ano eu não estou no carnaval, a Telma não está no carnaval, ela tá operada.





Movimento bandeirates

Eu participei muito desse movimento, criei meus filhos lá dentro. Participava da igreja são domingos, mas depois que eu troquei de religião, não me afastei da igreja, porque a minha religião, como eu sou da Mina Nagô, ela não me proíbe de frequentar igreja, nada, tanto prova que meu altar é de santo. Se eu fosse candomblé não teria imagem de santo, de nada. Quando dá eu vou na igreja, quando não dá eu não vou, eu rezo na minha casa mesmo.

Eu fui do tempo do padre Gino, padre Francisco. Nós fundamos um centro comunitário que tinha dentro do Tucunduba, que era em cima da ponte ainda.



FUTEBOL

Quando eu vim do Acre...Foi assim, nasci em Belém do Pará, eu nasci lá no bairro da Pedreira, nasci no chaco, lá na Pedreira. Realmente eu jogava futebol lá no Acre, quando eu cheuei aqui, que a vida era outra, mas mesmo assim eu não perdi a vontade de jogar.



O meu envolvimento com o carnaval, onde eu conheci o seu Nonato Filgueiras, naquele tempo era um bloco, não era escola ainda, foi porque eu não estava legal da minha cabeça.

Eu estava caindo na depressão novamente e eu tinha que ocupar a cabeça mesmo. Acho que nem o seu Nonato sabe dessa parte. Eu fui andando lá pela passagem ligação e um amigo meu disse, 'olha, ali a gente, faz fantasia'.

E foi aí que conheci Ivana, Socorro, Ieda, que já partiu, que também era da nossa escola de samba, que era irmã da Ivana, que era a presidente da escola. E lá eu me dei para fazer parte do carnaval, eu entrei como voluntária, todo mundo entra como voluntário porque, ninguém entra para fazer o carnaval sabendo, você vai ter que aprender e para você aprender, você vai ter que passar pelo processo de experiência.



Mulheres na literatura



Eu sou,
Olívia Pethrova





“E eu não sou uma mulher?”: a narrativa transprovocadora de uma mulher transgênera.

Eu, enquanto pessoa transgênera, de um biotipo de pele branca, mas cheia de narrativas sofridas, e que por um tempo as anulei justo para mascarar esse eu “coisificado” e que muitas vezes foi deturpado para aquilo que a instituição social jogou à margem da imagem do “medo” ou “espanto”. Essa fala de Sojourne Truth (“E eu não sou uma mulher?”), que conheci faz pouco tempo, transfigura e soletra a imagem da mulher preta, que por muito tempo na história (e por algum motivo ainda se correlaciona em novas expressões arraigadas desse racismo estrutural) denota o quão ainda estamos reconhecendo essa mulher. Mulher como eu, que é diversa, que tem historicidade, que traz marcas, que tem poderio narrativo rico, porém contado por vozes que não são das minhas (pessoas trans). É sempre interessante considerar a transprovação filosófica da interseccionalidade e do diálogo, para entendermos a forma de violência estrutural arquitetada por aqueles que legitimaram o que, para que seriam/serviriam, e quem seriam essas pessoas às margens, da história, da vida, do eu subjetivo que cada uma de nós possuímos.





Essa comparação análoga não é para destituir nenhum movimento ou mesmo historicidade de povos, mas é sempre para pontuar o quão justaposto algumas coisas estão. Tal como exemplos temos: a violência, a sujeição, a margem, e as diversas formas de personificação do eu, fora do contexto humano. É justamente onde saio desse feitio imaginário, e transprovoco filosoficamente, em cada lugar que percorro. Na minha denominação transprovar é sair desse campo simbólico e fazer com que meu corpo pensante rebulice outros corpos pensantes, outros sujeitos. Sujeitos esses que na grande maioria estão enraizados do preconceito estrutural em suas diversas nuances: de raça, de gênero, e de classe.





É aqui que vou para além da filosofia do “medo” e do “espanto”. Enquanto pessoa transgênera, mostro a mulher em mim, a minha individuação, esse eu que a muito tempo foi denominado como “demônio”, como “loucos”, “transtornados mentalmente” ... vocês querem saber onde estávamos na história? Nos suplícios, na santa inquisição, nos manicômios. Na personificação do mal ou mesmo nos desprovidos de saúde mental. Nós, pessoas trans. Eu, mulher transgênera, e as das minhas, sempre estivemos aqui numa linguagem e denominação para além de nossas bocas silenciadas no fogo ou no âmbito torturador de um ambiente manicomial. Estivemos aqui sendo personificadas pela língua dos Jesuítas ou mesmo pela medicina patologizante. Na história somos as Muxes da cultura Zapatenica, em nosso território invadido fomos/somos as Cudinas. No mais pra cá da história somos os transviados, desvirtuados ou aquelas caçadas pela operação tarântula. As filhas do teatro, da arte, da contemplação do prazer para aqueles que escondem-se atrás de suas hipocrisias.





Não há como dizer que “nunca existiu”, essa mentira é contada pela linguagem do preconceito, por essa cultura hipócrita perpassada e que nossa adorável Chimamanda denominou como “o perigo da história única”. Nós, mulheres trans, temos história, narrativa, multiculturalidade, arte, fala, CORAGEM!

Sou aquela que contrariou amigos e familiares, mulher transgênera. 34 anos. Introvertida, introspectiva, adotada por um núcleo familiar que me forneceu afeto até o momento em que transfigurei os seus anseios machistas, logo após isso revivi a historicidade das minhas antepassadas, fui exorcizada, excluída, agredida física e psicologicamente... como disse neste texto. Nós temos história, por vezes nem sempre acolhedora, presumida de um futuro marcado de diversas violências já afirmadas na história.

Eu não sou a universal, mas transmito minha universidade subjetiva para que muitas saibam que nós não estamos sozinhas. Estamos aqui. Agora e sempre.



Eu sou
Magnólia Borges das Neves





Eu sou a Magnólia Borges das Neves, nascida e criada em Belém do Pará em 1º de julho de 1963. Faço parte de uma família criada na fé cristã e nos preceitos do caráter, honra e honestidade. Estudei em Escola Pública sempre, e foi lá que recebi meus primeiros incentivos na área da Literatura. Uma professora passou uma atividade pra casa e era uma poesia . Eu fiz e, no outro dia, fui chamada para ler. Aí começava minha grande descoberta como poeta. Era uma paráfrase de um poema chamado: Marina e Mariana. Infelizmente não guardei cópia desta minha obra. Só ficou na memória o fato em si. Mas foi aí o começo de tudo. Depois de anos, passei a guardar meus escritos em agendas. Gosto de escrever à mão mesmo. Caneta e papel são meus grandes aliados, só depois, eu digito e salvo no computador. Hoje, tenho material que dá para lançar mais de 10 livros. Sou poeta, contista e compositora. Na profissão: Professora de Língua portuguesa, Literatura e Redação. Graduada e pós-graduada em Letras pela UFPA.





Na adolescência, meu estilo era simples, sem o conhecimento teórico, eu escrevia apenas com o dom e a intuição. Usava rimas do tipo ab, ab, e assim desenvolvia meu texto. A rima sempre foi uma constante na minha obra. Tenho por ela um apreço quase humano. Tento me desprender, mas ela está impregnada em mim, como tatuagem.

Meus temas lá atrás eram meio infantis, mas ainda assim, interessantes: “Uma coruja e seu bando malvado resolveu assaltar com um rádio ligado”, esse poema narrativo, contava a história de um bando de ladrões que eram representados por animais e no final do crime, eram repreendidos. “O peixe altivo”, falava sobre um peixe que subjugava um pássaro porque este não nadava como ele, ou seja, abordava a arrogância e falta de empatia. Sempre gostei de temas relevantes, que tragam algum conhecimento e aprendizado ao leitor. A poesia não pode ser seca, arte pela arte tão somente. A poesia tem que ser voz ativa, gritante, incomodada com a realidade e objeto de mudança no mundo, nas coisas e nas pessoas. Essa é sua grande beleza, além da linguagem subjetiva e bela.





Minha trajetória literária

Comecei a me envolver com outros poetas paraenses, através de saraus literários. Eu os seguia, literalmente. Fiquei sabendo de um encontro deles na antiga livraria Jinkings. Fui até lá, tive a oportunidade de ler meus poemas e conheci grandes poetas, como Rui do Carmo, Jeová de Barros, Rita Melém, entre outros. Essas pessoas me ajudaram muito na divulgação do meu trabalho. O meu primeiro livro: "Tirando de Letras", 2008. Foi um projeto da Secult, através da Editora Cromos, totalmente patrocinado por esta secretaria. Quem me indicou foi o Jeová (gratidão!). O Rui me inseriu em vários projetos, vários saraus... E, por fim, a Rita e o Rui me convidaram para participar da ALBEL. Então, eu devo muito a essas e outras pessoas, a minha carreira literária.





Em 2018, lancei meu segundo livro: “Absorta poesia”, dessa vez, sem patrocínio. Tive que pagar para que isso fosse possível. Um livro que aborda temas variados, assim como o primeiro. Num estilo mais apurado, contando com mais conhecimentos teóricos acerca de ritmo, rimas, estilo, linguagem, temas, etc. Cada livro que se escreve, a tendência é melhorar em todos os aspectos. Quanto mais aumenta nosso conhecimento e envolvimento com a literatura, melhor fica nosso trabalho com a linguagem,

Agora, em 2024, lancei na Feira do livro, meu terceiro livro: “Histórias bem contadas da Amazônia”. Como o próprio nome diz, são narrativas poéticas, contando causos de mitos da Amazônia, misturados com histórias de pessoas ribeirinhas ou da cidade. Fatos que trazem uma “moral da história”, algum ensinamento, principalmente com relação à preservação do meio ambiente.





Coisa tão em evidência no momento e tão importante de discutir e mudar de atitude. Esse enredo, esse tema e esse estilo de poesia narrativa, é uma coisa totalmente nova para mim. Eu nunca havia contado histórias dentro da poesia. Comecei a fazê-lo por volta da pandemia e peguei gosto pela coisa. Tanto que já tenho um outro material, quase nesse mesmo estilo.

Esse distanciamento entre um livro e outro, se deu por causa do meu trabalho em sala de aula. Isso me ocupava muito e não me deixava tempo para divulgar minha poesia. Hoje, já aposentada, consigo escrever, ler e divulgar mais minha poesia. Por isso, minha meta agora é lançar, pelo menos, um livro por ano, se Deus quiser!



“Minhas poesias são minhas filhas
Sangue do meu sangue, nata da minha nata
Eu do meu eu
E, quando um dia alguém me esqueceu
É só abrir a lata e lá estarei eu...”



Como é minha poesia Influências de escritores

Hoje posso dizer que minha poesia é bem variada, bem mista e aberta a novas e boas possibilidades. Não tenho só um estilo fechado, seco, obtuso, Não. Minha poesia se renova com o mundo e suas mudanças e tendências. A metamorfose está em mim e nela. Aquela menina lá atrás, que escrevia só rimas do tipo ab - ab, hoje é uma mulher que absorve o novo e o mistifica, e o mistura, condensa. Escrevo rimas abba, aabb, oitava de Camões, rima neutra, intercalada..., os temas; vão desde histórias quase infantis, até a Sereia encantada do Ver-o-Peso. Passando por uma gama muito grande de ideias e linguagens. Coisas que surpreendem até a mim mesma, quando a criatividade transcende ao ser humano e nos invade uma inspiração acima do que imaginávamos. Eu recebo essa inspiração de bom grado e a lanço para o mundo.





Como eu sempre fui embebida no mundo da literatura, já que, trabalhei com isso 26 anos em escolas, tive a oportunidade de conhecer a obra de muitos escritores e recebi deles enorme influência. Do Romantismo sensual de Castro Alves, do Barroco crítico de Gregório de Matos, da transcendência simbolista de Cruz e Sousa, do moderno Drummond. Enfim, cada um com seu estilo forte e irreverente, me instigou a fazer essa poesia rebuscada, forte, crítica sagaz.. :





“A vaca louca está cada vez mais louca
Vaca, vaga, pasta.
E nós é que gritamos basta!
Não sabemos o que comer.

O frango está resfriado
No freezer, não no terreiro
Não há frango, não há ovo, não há
dinheiro
Só há um aviso: Cuidado!

(...)

O rio secou, a Amazônia desapareceu
Um caos urbano se instala em nossa vida
Sem ar, sem água, sem comida
O homem definha no egoísmo do seu “eu”





DIFICULDADES DE LANÇAMENTO E DIVULGAÇÃO DE LIVROS

Ser escritora independente, produzir, pagar e divulgar nosso próprio livro, é uma árdua tarefa. Vivemos numa sociedade muito competitiva e temos que disputar mercado com grandes escritores, já conhecidos e consagrados na mídia e, perante o público. Sem contar com a internet, que é muito mais acessível e procurada pela população geral. Isso deixa para nós, uma fatia muito pequena de público que se interesse pelo livro físico. Temos que nos desdobrar em eventos, saraus, feiras, praças, escolas... pra tentar divulgar e vender nossos livros com a maior dificuldade do mundo. Essa é a difícil realidade do escritor independente da atualidade. Um longo caminho a percorrer, até que seu nome seja conhecido, aclamado e procurado pelo público, É uma competição desleal, onde os best-sellers “engolem” os, ainda, anônimos escritores. Só quem tem muito amor pela literatura, consegue continuar nessa batalha incansável de divulgar seu livro continuamente.





A cultura, de modo geral, precisa de incentivo, através de projetos dos governos para que grandes obras saiam das gavetas dos escritores e alcancem o mundo. Como eu disse, anteriormente, dos meus três livros lançados, somente um, foi patrocinado por um projeto local. Logo, se eu quiser que minhas poesias sejam lidas, eu tenho que desembolsar a verba para isso. Assim como eu, grande parte dos escritores, passa por essa mesma dificuldade.

As livrarias também, pouco se interessam por quem ainda não tem um nome famoso, que possa alavancar suas vendas. A saída mais viável, acredito eu, seja conhecer a fundo o funcionamento das mídias sociais e trabalhar em cima desse tipo de divulgação. Esse espaço aqui, por exemplo, nos permite mostrar um pouco do que produzimos. Vejamos mais um exemplo da minha poesia, extraído do livro: “Histórias bem contadas...”





(Fragmento)

De repente surgiu um fato

No meio do mato

E foi o maior ti ti ti

O casamento da Matinta com o Saci

E a floresta ficou agitada

Como boato que se espalha e se pinta

Logo a dona Matinta

Sempre tão recatada

Com aquele jeitão de poucos amigos

Profetizando perigos

E assustando a pessoa que passa (...)





Meu estilo

Linguagens, métodos, inovações

Considero meu estilo de escrever, flexível e mutante, como a própria vida, o mundo, as pessoas, o Universo. Não se pode ficar preso à convenções, a um mundo antigo. Senão, ficaremos como uma peça de museu; esquecida num canto qualquer do passado. Por isso, eu recebo interferências e influências de escritores de todos os tempos. Desde o rebuscamento do Barroco, até o pós-modernismo de Cazusa. Tenho uma escrita eclética, aberta ao novo sempre. Inclusive, aberta às críticas construtivas, de pessoas conhecedoras da área.

Quando escrevo, me preocupo com as ideias, com a forma, com o conteúdo, com o enredo, com a linguagem...Enfim, tudo que possa embelezar e enriquecer o texto. Minha poesia tem também uma preocupação social muito grande, no aspecto transformar o mundo em um lugar melhor pra vivermos. Essa deve ser a grande sacada da arte: Trabalhar em favor do Universo e do ser humano. Como exemplo disso, temos : **A Sereia encantada do Ver-o-Peso**, é uma sereia cujo seu trabalho é proteger o rio:





(fragmento)

“Reza a Lenda

Que, nas noites de sexta-feira,
Na Pedra do peixe do Ver-o-Peso,
Em noite enluarada,

Aparece uma sereia encantada
De pele negra e negros cabelos,
Que, se desmancha em zelos
Pra proteger a Baía.

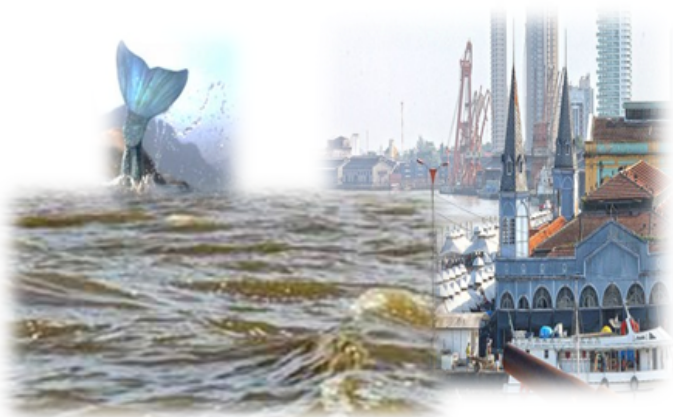
Seu corpo esbelto , pele bem tratada
Recebe da noite estrelada,
Brilho no corpo e no olhar
Como a Iracema de Alencar,
Como cabocla da Amazônia.
Mas, sofre de dor e insônia

Quando vê agredirem seu rio.
Aí, é triste seu assobio,
Aí, seu canto é brado de dor.
Quando vem um pescador
Despejar restos podres do dia
Na sua farta Baía.





Ela não suporta quieta
Essa facada na espinha
E, se retorce todinha
E, retruca com voracidade.
E, se a pessoa faz por maldade,
Vai sofrer consequência.
Mas, se faz por inocência,
Será apenas advertido
Pela guardiã da Baía.
Alguns contam que, um dia,
Nuvens escuras, céu nublado,
No chão: frutas, peixes, Tudo espalhado...
Um homem que fazia a limpeza,
Varreu todo o lixo que viu,
E jogou tudo, tudo no rio.
E, na mesma hora, tudo voltou à terra.
O homem, assustado, berra!
Seus olhos, de medo e espanto,
Enxergaram um verde manto,
Emergir e mergulhar novamente.
Noite fria, água quente!





Gestos grotescos em homens sérios.
E, as águas profundas escondem mistérios!
Peixes fecundam fêmeas, isso é vida!
Que não se pode matar.
O homem do lixo, sumiu do lugar,
E, nunca mais se teve notícia.





MOMENTO ATUAL

Obras

Atualmente, estou trabalhando em vários projetos de livros: “Desesperadamente, eu grito em português”, é um livro só com temas de gramática, onde eu entrelaço a gramática à vida das pessoas; num emaranhado muito legal que fala dessa disciplina, mas, de maneira leve e descontraída. “Contos poéticos quase infantis”, são temas, aparentemente infantis, mas com uma abordagem instigante e adulta; trazendo sempre alguma “moral da história”. “Histórias urbanas”, São histórias, como o próprio nome diz; que contam o cotidiano de pessoas, com muito a acrescentar na sociedade. Esses e outros materiais, eu venho trabalhando para levar ao público. Eles trazem uma leveza no conteúdo e uma simplicidade na linguagem, que permitem fácil compreensão por parte dos leitores.

Estou participando também de alguns concursos literários, com a imensa vontade de vencer, e assim, melhorar meu currículo, bem como, grande realização pessoal. Por conta desses concursos, escrevi um livro nos moldes de Camões, em oitava rima. O livro é todo abordando temas LGBTQIA+. Isso me fez inovar tanto na temática, quanto na linguagem. São novos desafios, que eu abraço com muita alegria. Outro concurso que estou inserida é em Portugal, temas de gramática. Exemplo desse último:





NOSSA LÍNGUA

Sua língua se mistura à minha
Num vai e vem entrelaçado e succulento.
Palavras bem ditas, cabelos ao vento.
Boca na boca, vinho na vinha!

Em que língua agora falo contigo?
A minha, a tua, melhor não falar.
O melhor de nós está solto no ar.
De olhos vendados, me segues, te sigo!

Agora e sempre, falar a mesma língua.
Tua língua na minha, melhor sabor!
Quentes em tudo, prontos para o amor!
E a palavra na boca, nunca fica à mingua!

Nossa língua coloquial, tudo conta.
O vernáculo se perde na língua viva!
Boca a boca, corpo a corpo, voz ativa.
No meio da vida e no meio da língua tonta!





Nossos olhos, nosso desejo, língua, voz rouca
Língua complexa e rica é a língua portuguesa!
Línguas roçando-se uma a uma, língua presa
Nos lençóis, no corpo, na vida, na boca!

Quem conhece nossa língua: Multicor!
Língua-mãe, língua-pai, esposa e amante!
Comunicam a mensagem no mesmo instante.
Assim compreendemos a língua do amor!





De onde vem minha inspiração

Minha inspiração vem do nada, do tudo, do além, do Universo, do Céu... É difícil explicar de onde vem a inspiração. Pode surgir de uma conversa com alguém, de uma notícia da tv, de um texto lido, de um sonho, ou chegar de repente, inesperadamente, como se viesse do nada, e eu, simplesmente, a aceito e agradeço por ter nascido com esse dom. Recebo a inspiração de braços abertos e muitas vezes, chamo por ela e ela vem. Eu falo sobre isso em :

INSPIRAÇÃO

As ideias caem sobre minha cabeça
Como pétalas de rosas
Leves, sutis, soltas, cristalinas...
Se embrenham nas retinas
E transcendem no cérebro e no coração!
Elas têm vida própria e particular.
São única e, ao mesmo tempo, enraízam.
Transformam-se em células minúsculas e infinitas.
Viram adolescentes bonitas!





E, depois, adultas decididas.
As ideias têm muitas vidas!
E cada vida, mil outras em multiplicação.
Viram fato, arte, razão, emoção!
E se agigantam num continente.
São ideias coloridas, travestidas de gente!
E, finalmente, viram atitude.
Com sangue e força de vontade.
Apalpando o Céu da criatividade.
Novamente viram pétalas de rosa
E adoçam a boca do poeta.
Ideias da vida obtusa, leve, forte, concreta!
E ao mesmo tempo, abstratas ideias ao vento!
Caem no fundo do pensamento
E abstraem-se no mundo perdido.
Como um som sutil ao pé do ouvido.
Como a voz da imaginação!





A inspiração é um assunto inesgotável, intrigante, impressionante e belo. É algo que, dificilmente alguém saberá explicar com eficiência. Nós poetas, arriscamos versos e textos falando a respeito, mas são pequenas suposições de eternos aprendizes na vida, e na arte de escrever. Alguns poemas meus me intrigam de maneira positiva e misteriosa. Não sei explicar como vieram a mim de maneira tão bela e tão bem traçados que me pergunto, alegre, como consegui isso? Por isso digo, melhor não tentar explicar a inspiração. Apenas aceitá-la, apenas amá-la e recebê-la de braços abertos. Eu tenho um poema, chamado: “Diálogo da gênese”, que eu amo de paixão, ele se enquadra nisso que falei há pouco. Eu estava dormindo quando ele me veio. Era por volta das seis da manhã e acordei com ele na cabeça. Me vieram essas palavras: O barro. Que barro? O barro de onde foste feito... Eu levantei e comecei a escrever:





DIÁLOGO DA GÊNESE

- O barro.
- Que barro?
- O barro de onde foste feito,
É mesmo, cheio de defeito.
Mistura total: Heterogênea!
De cal, areia, sangue, suor, argila...
Que te cobre, dos pés à pupila
E te faz ser imperfeito.
Essa mistura de barro no peito
Te faz ser único, ímpar mistura!
Na entranha da ação, massa dura!
Pois no barro tem cimento e pó
E tem riso irônico de sagacidade
Que explode e mata sua vontade
Vontade de ser, agir, fazer e acontecer!
Mesmo que isso te jogue no abismo.





A massa do barro traz egoísmo
E isso te faz agir sem pensar.
Mas essa massa não é só ruim.
Ela também tem som e sol,
E açúcar, e água e amor, e mel...
Que te pintam com pedaços do Céu
Num azul, fantasticamente doce e sensato
Que te apresenta um bom prato
E emana para o teu coração.
E, esse tempero que o barro tem
Te traz amor, te faz ser do bem
E explodes, numa gigante virtude do ser.
Portanto, teu barro é mistura
Intrinsicamente forte e interessante.
E, tu escolhes o que é mais importante
E alimenta isso em ti!





MEUS PROJETOS PARA O FUTURO E O PAPEL DAS ACADEMIAS

Meus projetos para o futuro, como falei anteriormente, são; lançar, pelo menos, um livro por ano, material pra isso eu tenho bastante, graças a Deus! Ao longo desses anos, eu vim escrevendo e guardando em agendas. São mais várias agendas, cada uma correspondente a um ano. Do ano 2000 pra cá. E em cada ano, muita poesia produzida. Tanto, que é difícil até organizar. Porém, pouco a pouco, estou conseguindo. Agora aposentada, disponho de mais tempo pra isso.

Outro projeto meu, é participar de concursos literários e ganhar alguns. Essa atividade me “obriga” a agilizar e digitar minhas obras em um determinado tempo recorde e isso é muito bom, porque assim, consigo organizar melhor meu acervo. Esse ano está bem fértil pra mim, tanto na produção, quanto na divulgação de meus trabalhos. Entretanto, eu me cobro muito no que diz respeito a divulgar mais minhas obras. Alguém já disse: “Não adianta só escrever e não divulgar. Temos que ler, reler, memorizar, conhecer bem nossa obra”. E eu preciso carregar essa máxima comigo.





Com relação às Academias, estou vivendo um momento bem feliz da minha carreira, agora, fazendo parte da Academia de Letras de Belém, um sonho realizado. Porém, começa aí, mais um grande trabalho. Um dos objetivos das Academias é trabalhar a linguagem na sociedade, criando maneiras de incentivar a leitura e a escrita, através de projetos, como contadores de histórias, fundação de bibliotecas, saraus literários, dentre outros. Estou engajada em alguns grupos, muito bons, e isso me ensina demais a melhorar, tanto na criação literária, quanto nessa divulgação e incentivo. Mas, além disso, tenho um projeto de fundar uma biblioteca aqui nas proximidades da minha casa. Espero ter condições e possibilidades de colocar em prática esses e outros projetos que, certamente surgirão!

Sem mais me prolongar, quero agradecer a grande mentora desse projeto sensacional, minha amiga Leila Leite, que, com suas brilhantes ideias, nos proporciona, divulgarmos nosso trabalho. Um beijo no coração!



Eu sou Anne Cavalcante





Nasceu!!! Ah, é Menina!
A que se destina? À pia e partos.

A cultura de cuidados redobrados do patriarcado quando despontava uma menina ao mundo não mudou muito. Não pense que tais preocupações seriam somente por afeto, mas veladamente havia receio da descontinuidade do precioso “Nome da família” ou seja da quebra do legado machista.

Algumas almas femininas inquietas desejavam alçar caminhos que somente pés masculinos trilhavam como: dirigir, voar, administrar, vestir calças compridas... E escrever livros, é claro. Produzir textos em sua diversidade também era restrito. A procedência do gênero das mãos era imprescindível. não digo gênero de texto, de mão mesmo. Quem é o autor? Por isso algumas mulheres usavam pseudônimos masculinos para ingressar e serem aceitas no espaço literário.





Hodiernamente mulheres ainda lutam com expertises e destreza para conquistar segmentos de hegemonia masculina. Até mesmo no campo da Literatura. Felizmente, há significativo e crescente avanço feminino nesse segmento, através de obras as mulheres estão sendo ouvidas, lidas e escritas, isso traz à luz o universo com suas gradações: beleza, anseio, coragem, força, sensibilidade e fragilidades.

Há um abismo entre sonhar e conquistar e o medo acorrenta e cala muitas de nós com diversos questionamentos: *não tenho tempo; isso não é para mim; fulano não aceita; penso tanto, mas não sei como escrever ...* E por aí vai.





Menina, jovem, dona de casa/secretária do lar, mãe, estudante profissional – em suma a polivalência feminina - tantas possui esse atributo. Assim como eu, que desde tenra idade fervia por ter tanto a dizer, mas não sabia por onde começar. Por isso, rabiscava em borrões para desaguar ou capturar algo que me inspirava, no entanto as barreiras estruturais e emocionais que diluíam meus papéis em água. Salvo os casos que entregava de bandeja para outros se empossarem da minha arte.

Bem...O meu rio transbordou e avançou para o mar levando-me ao horizonte de possibilidades que me deu a compreensão do meu habitat, de qual nicho eu realmente pertencia. Essa foi a grande descoberta, quiçá a maior de todas: conhecer a si e o seu próprio universo.





Assim como “Asas Poéticas” e “Ametista” costurava mantos textuais até chegar em publicações coletivas e individuais, dessa forma adentrei no portal da vida literoLuta. Agora irei bordar aqui minha autobiografia para que vocês conheçam um pouco de mim.

Sou, Anne Cavalcante, sou filha de Belém do Pará, nasci em 12 de agosto de 1972. Em tenra idade passei a residir em Ananindeua onde fixei residência até hoje... Entretanto minhas raízes são asas.

Minha vida acadêmica principiou pelo Campus universitários da UFPA e UEPA, nesta pós-graduei em Língua Portuguesa e Análise Literária. em Língua Portuguesa, já naquela cursei Letras: Língua Portuguesa. Além dos cursos de Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS.

Participei de literários projetos dentre eles as Comissões de Fundação das Academia de Letras de Belém-ALBEL, Marajó-AML e Ananindeua-ALANIN, nesta última da qual sou membra-titular fundadora, ocupante da cadeira nº 31, cuja a patronesse é Clarissa Lispector. Atuei no cargo de conselheira no Conselho Consultivo (biênio 2022/2024) e hoje estou como primeira secretária da Alanin (biênio 2024/2026).





Em minha jornada Literária publiquei em algumas Editoras como participante de algumas Antologias: Poesias e Conto - Lura; pela Pará.grafo foram poesias; Tanka - Persona, Poesia pela Gato Ed e pela Chroma Host foi produzido meu Livro " Rompendo a Crisálida", lançado no Ponto do Autorna 27ª Feira Pan-Amazônica/2024, neste mesmo evento participei como mediadora da Roda de Conversa "Das Academias ao Luar: Escritores por todo lugar" . E, como todo paraense que se preze diz: fiquei "toda Pavulagem" por ser homenageada na MILPEG-Movimentação Internacional das Literaturas Negras e Periféricas do Instituto Gato Ed.

Incrível como a vida dá uma reviravolta e revira mesmo, basta darmos o primeiro passo para que haja mudanças em nós. Não temos a dimensão como pode tocar a outra pessoa e ser inspirador. No tocante a arte literária, escrevo porque preciso, gosto e me completo.





E almejo que mais mulheres sejam semeadoras no campo das letras. Escrever é um ato libertário de amarras externas e internas.

Querida Amiga, permita-se navegar entre as linhas pela palavra que tu sentes. Logo no início falei sobre A polivalência feminina, escreva sobre cada haste do nosso vasto leque ou todo ele, mas não desista.

Um grande abraço poético.



Filha do Norte

Sim, sou filha do Norte,
De nordestina raízes.
Tenho o tino forte,
Pois assim a vida ensina.
A fé é meu suporte
E a poesia minha sina.



Para encontrar a sorte
Não sigo a rotina.
Meu verso descortina,
Rimas que nela aporte,
Tudo a que se destina
Sem levar nenhum corte.

A Pena quem opina
Escreve até um Orte.
A Palavra não afina,
É lírico consorte
D'um amor que atina
Nas linhas que ele porte.

Anne Cavalcante



Eu sou
Francilene Rocha Pires





Minha trajetória

Tornar-me escritora foi um longo processo, pois escrever sempre foi constante na minha vida, passava noites em claro registrando meus pensamentos. Eram reflexões sobre acontecimentos comigo ou com aqueles que eu observava. Parecia um diálogo comigo mesma, do tipo que ninguém é capaz de compreender, então os guardava comigo.

Era natural criar histórias na minha mente, havia um rebuscamento que desconhecia a origem. Ao longo da vida encontrava papéis soltos com palavras que não lembrava de ter escrito. Somente a partir do ano de dois mil e dez que comecei a registrar meus escritos em blog, a cada semana publicava um novo texto reflexivo.

Com esse blog, um de meus textos foi lido por uma jornalista de Curitiba. Ela gostou tanto que pediu autorização para publicá-lo em uma revista de circulação nacional (Ser Espírita, de Curitiba/PR). Imediatamente, aceitei a proposta e aguardei ansiosa pelo envio do meu exemplar. Foi um tipo de realização que não tem como descrever sem 'se achar', como dizemos por aqui.





Parecia estar realizando um sonho, mas quando brilhamos demais atraímos todo tipo de pessoas e energias. Muitas chegam apenas para aproveitar o bônus de nossas conquistas, e vão embora quando não temos mais nada para oferecer. O que nos resta é recomeçar, e foi isso que sempre fiz. Todas as vezes que passava uma manada voraz sobre meus talentos, eu recomeçava.

Costumo dizer que algumas situações que vivenciei não foram escolhas minhas, mas imposições da vida. Nesse quesito incluo a maternidade, não era um sonho, mas precisei me tornar mãe e lutar pela prole como uma leoa. Se venci não faço ideia, mas sigo lutando até hoje para termos um pouco de paz nessa caminhada.

Em dois mil e vinte e quatro ela completou doze anos, e eu fiz as pazes com a minha maternidade, foi quando consegui apreciar o fato de ser mãe. Deixei de lado todos os perrengues, as brigas, as duas denúncias no conselho tutelar (feitas pelo genitor), o processo judicial, no qual ele pedia a guarda da criança, os boletins de ocorrências que resultaram em medida protetiva. Foram dez anos de um tormento interminável, acho que nesse período eu apenas existi, porque viver era difícil. A defesa era o meu ataque.





Ao olhar para todas essas situações visualizo um grande hiato. Nesse decênio não conseguia dar asas a minha criatividade, tudo era muito reativo, quando pensava que teria paz, vinha mais uma paulada. Após a medida protetiva, desabei em depressão, novamente. O mais irônico é que na semana em que recebi alta da psicóloga (em janeiro de dois mil e vinte e dois), aconteceu um evento catastrófico que resultou no terceiro boletim de ocorrência.

Ao me ver naquela situação e entender que precisava compreender todos aqueles eventos, me deixei naquele estado depressivo. Precisei sentir tudo com a máxima intensidade para saber o que me pertencia e o que era do externo. Somente assim saberia me colocar no meu lugar e não deixar mais ninguém me subjugar. Dizia a mim mesma: “ficarei no fundo desse poço até entender tudo, e quando me levantar, nunca mais volto para cá”.

Esse foi o início da retomada da minha identidade. Comecei a me posicionar como escritora, já estava com o projeto de escrever um livro desde o ano de dois mil e doze, protelei por não me sentir capaz. Era invalidada a todo momento, precisei tapar os ouvidos para seguir acreditando em minha capacidade.





Em dois mil e vinte e quatro tenho dois livros publicados; fui convidada para prefaciar outros dois livros; participei de várias publicações coletivas, inclusive internacional com edição bilíngue. Estive como convidada na vigésima sétima feira pan-amazônica do livro e das multivozes, na arena multivozes para falar sobre “o protagonismo feminino na literatura”. Sou articuladora de um coletivo de mulheres que escrevem; atuei como organizadora da segunda festa literária de Ananindeua; fui a diretora executiva do sétimo encontro nacional do mulherio das letras. Além de realizar lives com escritoras independentes ou anônimas, para dar visibilidade a elas.

Posso ter experimentado um hiato de dez anos onde tentaram apagar meu brilho, mas quem é luz jamais será apagada. Dois anos após aquele evento catastrófico, já realizei mais do que poderia ter realizado numa vida inteira.





VIDA PLATÔNICA

(Publicado na Coletânea Odisseia, da editora Fomento Literário)

Os raios solares adentraram o quarto aproveitando o esvoaçar das cortinas, simulando ondas iluminadas que me alcançavam, enquanto eu dormia profunda e tranquilamente. O movimento dos tecidos criava um aspecto de brisas cintilantes que me conduziam lentamente a mim mesma. Despertar de sono tão tranquilo, por vezes, pode causar certas intranquilidades.

Ainda em ritmo lento e pausado, tudo segue um mix de paz eterna com decisões rápidas. Rumei ao que precisava fazer, tinha tarefas a cumprir, porém sempre tentando manter as sutilezas da alma em mim. Não consigo lembrar do sonho que tive naquela noite, apenas guardava uma essência sublime que não desejava desfazer-me.

Cada passo desse longo dia era uma tentativa de apagar a sensação de plenitude que me pertencia. Por mais difíceis que fossem as situações contrárias daquele dia, voltava àquela brisa, pois tudo gerava uma aura de reflexão e calma.





Parecia estranha, e muitos indagaram o que se passava comigo; outros julgavam que essa felicidade logo passaria ou poderia ser presságio de que algo ruim chegaria. A luta foi grande, quiçá gigantesca, entre a dureza da realidade e a feliz sublimidade.

Muitos tentaram dissuadir-me da tranquilidade demonstrada, mas uma voz gritava clamando para que não os escutasse, e permanecesse em meio às ondas iluminadas que traziam a paz necessária, e me mantivesse focada no que precisava cumprir.

Retornando ao lar mergulhava em reflexões sobre a longa jornada que é 'um dia'. Desde o acordar, há uma luta intensa entre o dever e o saber. O sentimento de dever nos move ao cumprimento correto das tarefas. Enquanto o saber é um ato mais profundo, onde é preciso "saber cumprir o dever".

Sabemos que devemos tratar bem a todos; que a tranquilidade deve ser a base de todas as nossas ações. Mas as lutas diárias acabam por prender-nos aos deveres e esquecemos os saberes. As vozes que gritam insistentemente para nos arrancar da brisa, fazendo-nos acreditar que o sonho deve acabar junto com o sono, pois é preciso acordar.





Manter-se em contato com as sutilezas da alma, exigem esforços hercúleos. Há quem acredite que é impossível ser sutil em meio a tantas dificuldades, e que 'um dia' é apenas uma sobrevida, para os esforços de um novo dia.





AME-SE!

(Publicado na Revista Ser Espírita, maio/2014)

Deveria existir um manual de instruções dos humanos? Talvez sim, talvez não! O importante é entender que pessoas não são equipamentos, que ao apertar um botão, puxar uma alavanca ou programar uma função fará o que você quer.

Pessoas são seres que pensam, sentem, gostam, desgostam, amam, e acima de tudo, querem ser felizes; ser amados. Aí, se encontra o problema, o “querer”. As pessoas querem amor em suas vidas, mas elas não querem sentir e se doar. Pensam, inclusive, que precisam ver o amor no outro para então começar a sentir amor por essa pessoa. Senão não vale a pena se envolver.

Ora, para que algo seja correspondido, antes deve existir! É preciso se olhar com olhos de paixão, de amor; cuidar de si com todo o carinho possível. Então, chegará um tempo em que não será preciso querer o amor, ele existirá em nós de forma tão viva e instantânea, que perguntaremos se devemos buscá-lo em outro lugar que não seja dentro nós. Quando gostamos de nós mesmos é mais fácil gostar dos outros e os outros gostarem de nós.





Amar-se é um processo difícil, pois precisamos nos compreender, nos aceitar, nos dignar a mudar aquilo que nos incomoda. Assim, talvez consigamos perceber o quanto somos carentes de nós mesmos. O amor e a felicidade foram colocados onde é mais fácil de serem encontrados: dentro de nós. Quando os encontrarmos nos surpreenderemos. “Eles sempre estiveram comigo, como nunca os percebi?” A resposta: medo!

O medo é algo construído por nós mesmos: é o medo de errar, de perder, de não ser capaz, de não ser suficiente; mas bem pior é o medo de acertar, de sorrir, de ser feliz. Visto que cada uma dessas ações depende de nossas atitudes. Se você sente medo, serás correspondido com medo! Ame-se e serás retribuído com amor!





SABEDORIA DA ESPERA

“O náufrago não pode nadar com bagagem”
Sêneca, em Aprendendo a viver

Costumo dizer que “só saberemos se tivemos sucesso na vida, quando chegarmos ao final dela”. Platão em sua obra Fédon, alerta para a busca da sabedoria, falando que somente é possível conhecer a verdade após a morte, quando a alma estiver liberta dos empecilhos que a vedam de conquistar a sabedoria. A leitura dessa obra leva à reflexão sobre o porquê da necessidade de estar em um corpo se o que nos elevará não pertence a ele. Então, como é possível alcançar essa sabedoria ainda habitando um corpo, visto ser necessária a coexistência entre corpo e alma? É importante compreender que o caminho para se aproximar da sabedoria, é deixando na carne o que à carne pertence; é batalhando na emoção o que corresponde à emoção. Não se pode compreender a existência da dor se dela não experimentarmos. Em cada tormento ou turbulência que experimentamos, é preciso observar se aquilo que ocorre pode ajudar nossa evolução, um milímetro que seja.





Entendendo que a alma empreende uma jornada em busca de aprimoramento, é possível que não sejamos quem acreditamos ser. Deve-se olhar para si mesma, com olhos de verdade, e compreender a própria limitação; silenciar e ouvir o que, verdadeiramente, habita em nosso íntimo.

A longa caminhada permitiu muitos aprendizados, que foram guardados na alma e julgamos ser a “segunda pele”. Hoje temos a oportunidade de abstrair o que não faz parte da nossa essência, e assim lapidar a pedra bruta que ainda somos. Melhor será essa lapidação se esperarmos o tempo dos acontecimentos. Nenhum maquinário funciona sem a programação correta.

Todos somos seres em processo constante de ajustes para melhor seguir. Ainda que não se perceba é preciso organizar as prioridades da jornada, visando sempre a melhor experiência e aprendizado. Para enfim, chegarmos mais harmoniosas no final da jornada. E o simples ato de chegar ao final não será mais significativo que a própria caminhada.



Eu sou
Rejani Aguiar





Minha trajetória

Eu, menina que nasceu de pais coloridos, ele branco e ela preta. Desde o início já com a barreira do preconceito racial dentro da família, pois o casal não era aceito e os filhos pretos então, nem se fala.

Nasci em São Luís do Maranhão e cheguei em terras paraúaras aos 4 anos de idade para me tornar Paraense . Criada por mãe solo em solos de periferia do Jurunas na velha Belém ao Bengui a nova Belém se entendendo em periferia também.

Incentivada pela minha mãe (embora sem estudo formal de sala de aula,era uma ávida leitora) comecei meu “vício nobre” de leitura aos 5 anos já com os gibis, lá pelos 9 anos vieram os livros de bolso e segui pelas leituras de romances dos mais diversos segmentos. E não faltou literatura brasileira.

Sempre muito falante, e espevitada. Participava de tudo na escola dança, teatro, concursos literários e política estudantil.





Aos 8 anos ganhei um concurso de redação sobre o Dia do Livro e meu prêmio foi o meu primeiro livro “ A madrugada “ de Orígenes Lessa, não me esqueço porque me senti muito importante.

Tinha um livro só meu, artigo difícil de se ter na época, muito caro.

E ainda é até hoje!!

Minhas agendas eram as minhas editoras, pois lá lançava os meus inscitos.

Minhas poesias, minhas narrativas que não chegavam a ser diário, tinham mais um caráter de crônica embora não soubesse ainda na adolescência descrever dessa forma.

Em casa eu era a escritora da minha Vó, pois escrevia toda semana de duas a três cartas para os familiares de Fortaleza, onde era engraçado porque eu precisava começar a carta com aquela formalidade de missivas antigas, pois assim a Vó me ditava. E depois ela discorria animadamente a contar as novidades do lado de cá.

Eu, mesmo criança e após como adolescente (fiz isso por anos) sentia um prazer imenso em escrever as cartas , dado a importância que eu sabia que era para minha Vó arte de escrever.

Já que só sabia escrever o seu nome.





E assim segui com a leitura , escrita e a poesia companheira de todas as horas.

Atualmente sou Rejani Aguiar, poeta de Ananindeua Pará, nascida em 03/08/1973.

Bibliotecária de formação e amor, sempre tive o livro e a informação, minhas companhias constantes.

Mulher Negra, ciente de seu papel na sociedade enquanto agente transformador.

Mãe do Edgard atualmente com 5 anos, honra conquistada aos 45 anos,

Sempre fui muito intensa nas minhas emoções, e pra isso tive na escrita a melhor maneira de extravasar todos esses sentimentos.

Sou poeta do cotidiano, amo poemisar a vida por mim vivida e comigo compartilhada. Faço minha escrita chegar através das redes sociais no :





Grupo Sarau do Recomeço: Poesia que sustenta a vida no Facebook. O Café e os Poetas no Instagram. Sou membra fundadora da Academia de Letras do Município de Ananindeua – ALANIN.

Participante com texto selecionado e publicado Antologia Mulheres Incensuráveis pela S F Editora já em plataforma digital na Amazon e impresso.

Conto publicado na coletânea Odisseia, do Coletivo Fomento Literário (2023).

Autora do livro Intensamente Poética lançado em setembro de 2023 na 26 Feira Pan Amazônica do Livro. Poemas na IV Antologia O Café e os Poetas (2024). Crônicas e contos na Antologia “Autoras de Si” (2024).

Crônica na Antologia “Filartt para Elas” da Editora Filartt (2024). Autora do Livro Incrível Mente Poética, lançado em novembro de 2024 na III Feira do Livro Artesanal da Amazônia.

Ocupo o cargo de Presidente da Academia de Letras de Ananindeua. Engajada no ativismo cultural de levar a leitura e cultura para a periferia da Região Metropolitana de Belém. Articuladora do Coletivo Mulherio das Letras Belém. Tenho na poesia a minha maior dádiva a ofertar.



Eu sou
Márcia Libonati





Minha trajetória

Nasci em 05 de outubro de 1979, época de ditadura militar no Brasil, meus pais, João Carlos Batista e Elisenda Libonati, em uma reunião da une, união nacional dos estudantes, onde meu pai já liderança, Na qual minha mãe começa a sentir dores de parto. desde aí, eu na barriga insistentemente comecei a pedir para iniciar essa nova etapa.

De imediato meus pais foram ao hospital e eu nasci, minha vida tem muitas histórias, muito cedo perdi meu pai, ele foi Deputado Estadual assassinado em 6 de dezembro de 1986. e a perda de um pai para uma criança é crucial.

Sempre estudei muito, minha família sempre deu apoio, fiz secretariado Executivo bilíngue, depois pós graduação em pedagogia empresarial mas além, MBA em gestão estratégica, um pouco mais formação em Coaching, formação em Mentoria e Analista Comportamental, hoje realizando licenciatura em Português.





Enfim, a vida continua, o tempo passa , ganhei dois lindos bebês, Valéria e Sara, uau, meus amores, amo muito, mais que tudo.

Fui mãe com 16 anos, depois com 28 , elas são meu apoio, minha família, mãe, avó, avô, tia semíramis..... Nossa.

Como aprendi.... Como errei

Já com os meus 36 anos dormir e após 1 mês acordei.

Sem saber quem eu era, despertei para uma nova vida, tive que conhecer, a Márcia.

Meu avô, seu Virgílio Libonati, meu outro pai, aquele, que cuidou de mim, me permitiu todos os tratamentos possíveis para que eu retornasse normalmente a vida.

Me dando todas condições para que hoje eu seja o que sou, não só ele,

Mas a todos que me cercam de amor e carinho.

Todo ser humano merece aplausos e atenção, somos feitos de desafios internos.

Nossos medos, nossas mágoas, nossos limites, nossos embates, nossas decisões.





O processo de despertar é isso, algo permanente, eterno e intenso.

Derrepente me encontro escritora

Lanço um livro, Apagando Memórias “o processo de despertar para o sentido real da vida “

Entro na Academia Belenense de Letras

O que mais Deus? Sou apenas uma

Poeta – Guerreira de Marte

Eu e meu personagem

Eu e meu sonho de umlançar um livro.

E o fiz.

Qual o próximo, ?

Essa é a meta 🤔



Eu sou,
Eli Galvão





Minha trajetória

Natural de Belém do Pará. É Mestra em Educação pelo ICED UFPA 2011; Especialista em Planejamento e Gestão do Desenvolvimento Regional ICESA UFPA 2004; Especialista em Gestão em Instituições Educacionais ICED UFPA 2002; Coordenação e Habilitações Educacionais ICED UFPA 2002; Licenciada Plena em Pedagogia ICED UFPA 1999. Enquanto profissional, inicialmente atuou como professora na Educação Básica, posteriormente, como Coordenadora de Projetos e Docente em Organizações Não Governamentais, Federações de Trabalhadores e Organizações Sociais para públicos socioeconomicamente em condições de vulnerabilidade biopsicosocial; Exerceu Assessoria Pedagógica para as Escolas Técnicas de Trabalho e Produção.





Bem como, Assessoria a Superintendência de Assistência Estudantil na Reitoria da Universidade Federal do Pará. Colaborou como docente nos Cursos de Letras; Matemática e Pedagogia pela Universidade Federal do Pará na área de Didática. Atuou como Coordenadora Pedagógica em Escolas Públicas do Estado e na Unidade de SEDUC na Escola. Atualmente, encontra-se aposentada do quadro do funcionalismo público. É Membro Fundadora da Academia de Letras de Belém – ALBEL. Membro Fundadora do Grupo Poiesis.

Grupo Lítero-Musical (Poesia, Conto e Encantamento na/da Amazônia) do Coletivo Maciste Costa, realiza atividades de mediação de leitura, em Eventos Culturais e Educativos. Atualmente tem se dedicado as produções literárias e acadêmicas abrangendo temas como inclusão social; inclusão escolar; negritude; e a afetividade. Participou de 4 coletâneas acadêmicas com temas diversos, a saber Representação social da mulher em sociedade; Diploma e Poder; Letramento Matemático; Educação Étnica-Racial. Lançou em 2023, o livro infantil O Downzinho Pé de Vento e recebeu o prêmio literário da Fundação Cultural do Pará pelo livro infantil Com os cabelos por acolá! Milita na área de inclusão por ser baixa visão e ter um filho com Síndrome de Down. Apesar de sua limitação física, Eli Galvão se mostra resiliente diante das dificuldades, procurando auxiliar pessoas em mesma condições. E, em 2023 tornou-se colaboradora do Grupo Ecoadas do Mulherio das Letras de Belém, em prol do combate a violência contra as mulheres, aderindo a mais uma causa social.





O ABRIGO

No interior da casa,
há muitos segredos...
Há cal que sonda as paredes e medos!

Desenha, redesenha, canta.
E, cada alma em si lapida, modela e encanta.

A cumeeira conversa com estrelas,
revelando os segredos, sem celas e medos;

Confidência a um pássaro amigo,
que também deseja ser estrela, além de abrigo.

Redes e escápuas em conflito,
nunca se acostumam com o gemido, grito.

As janelas espiam as tardes,
fugindo para além dos ares, mares.

O assoalho adormece sonhos de peixe,
Quer ser pássaro, voar, se queixe.

Os telhados acordam com manhãs ensolaradas,
A espera de orvalhos, afetos encharcados.





A casa é assim...
lugar de vida,
mãe, pai, filhos, avós,
amor que abriga, ilha.

Segurança, vida em busca de harmonia,
em eterna sinfonia, em nós, família.



Eu sou,
Leila Leite





Minha trajetória

Quando chovia a rua ficava cheia, a brincadeira era certa, o papai fechava a mercearia, mamãe largava a cozinha, minha tia largava o que estava fazendo e a biqueira e a água que lavava a rua faziam nossa festa. Na verdade não lembro muito bem desses momentos, mas lembro das histórias contadas e sei que minha infância foi muito boa.

Uma coisa que lembro perfeitamente, pelo menos minha memória me engana que é assim, é da minha avó materna, Dona Rosa, ela me deitava em seu colo e dava a mamadeira, eu ali brincando com sua orelha e ela contando histórias de visagens e assombrações do seu lugar, o Ceará.





Minha trajetória

Meus avós maternos e paternos não tinham muito estudo, assinavam o nome. Não conheci o pai de meu pai, ele faleceu antes de aparecer no mundo, era do Rio Grande do Norte, segundo papai. Dona Célia, minha mãe, é quem mais fala sobre meu avô João, segundo ela, um homem baixinho, pernas tortas, olhos azuis, muito calado, muito respeitoso, meu pai fala que ele quando era novo era do tipo que cuspiam no chão e mandava que o menino voltasse da mercearia antes de secar. Mas, são só histórias e posso me perder nelas.

Lembro de minha avó Rosa e meu avô Seu Leite ou Leiteco, para os mais íntimos, sentados em sua sala, a casa era colada na nossa, papai construiu as duas a pedido de meu avô, para que ficássemos por perto e mamãe cuidasse de seus pais idosos. Bom, as histórias de vovó e vovô eram sempre bem elaboradas, envolviam a morte, os fantasmas, as assombrações do norte e do nordeste, dinheiro, homens tentando ser espertos, a vida sendo mais, as risadas e os medos da matinta, o homem que virava porco e tudo aquilo que deixava qualquer criança com medo.





O banheiro de casa era fora, no quintal, pensa numa pessoa com medo depois das histórias, só conseguia ir se minha tia Maria me acompanhasse. Tia Maria foi uma figura muito importante na minha família, marcou gerações, inclusive meus amigos foram marcados por ela. Ela morava em casa desde sempre, para mim não existiu um momento em que ela não morou primeiro na casa de minha avó e depois na nossa. Tia Maria gostava de dançar e de contar causos, assim como sua mãe, Dona Rosa.

O que ela mais contava era de quando era criança e sua mãe a colocou no colégio interno. Esse colégio era coordenado por feiras alemães que batiam nas meninas e colocavam de castigo de joelho no milho, forçava a bordas e coisas que tia Maria não curtia mesmo.

Mas, Tia Maria e suas amigas, amarravam lençóis no pé da cama e fugiam pela janela para ir dançar. Dançar sempre foi o forte de Tia Maria.

Minhas lembranças da infância também trazem o fato de que meu pai era dono de mercearia e eu sempre estava por lá, não conseguia fazer nada ainda, mas gostava de ficar ao seu lado fingindo que sabia o que fazia.





Quando fiquei maior, acho que com uns doze anos, ele montou uma pequena mercearia em casa e outra fora, foi aí que comecei a ajudar, quando chegava da escola ficava reparando a mercearia e mamãe na cozinha, qualquer coisa ela corria para resolver.

Mais tarde, veio o jogo do bicho, a mercearia já não estava mais vendendo nada ou quase nada e papai já não estava mais com a outra mercearia fora de casa, então, ele foi trabalhar como pedreiro e montou um ponto de jogo do bicho em casa, meus irmãos, que a essa altura já havia crescido um pouquinho, eu e mamãe ficávamos responsável por fazer os jogos. Nós aprendemos até bem rápido, a vizinhança toda jogava, cada com suas exigências, até que fomos crescendo e o ponto de bicho também deixou de funcionar, mas foram muito anos, crescemos aí, sabemos até hoje a tabela do jogo e todos os números, qualquer coisa voltamos a ele.





Aqui em casa somos bem estudantes, nossos pais nunca deixaram que descuidássemos da escola, mesmo com o jogo do bicho, a mercearia ou qualquer coisa que precisássemos, era depois da escola, os livros sempre foram nossa prioridade, até hoje é, como vocês sabem. Minha irmã, Lucélia Ferreira, ela usa o sobrenome do papai, é pedagoga, antropóloga e professora de escolas, agora está ocupando o cargo de diretora. Meu irmão, André Leite, André Bzarro, André Zangado ou Bzarro Zangado, ele usa todos esses nome, é formado em licenciatura em Geografia, mas trabalha mesmo como livreiro, é o dono do Sebo Elefante Branco, também é Dj, poeta, músico, compositor, produtor cultural.

Nessa pegada, fiz alguns anos de vestibular, como não tínhamos grana para fazer um cursinho, era difícil conseguir estudar o que realmente era necessário, mas nos reuníamos em grupo com amigos e conseguimos, passei em 1999, foram cinco anos de muita correria, nesse período trabalhei como agente de bem-estar social (ABES), ou seja, agente da dengue, esse trabalho me proporcionou uma certa facilidade para custear parte do meu curso. Mais tarde, ainda cursando Ciências Sociais, trabalhei no programa Bolsa Família, esses trabalhos foram arrançados por minha amiga Rita Dias, que hoje faz parte do Instituto Gato Ed.





Em 1996, mais ou menos, quando havia acabado a escola e estava apenas estudando sozinha para o vestibular, entrei para a Pastoral da Juventude (PJ), minha memória aí fica um pouco menos enganosa, foi ali que aprendi a produzir eventos, fiz o padre ficar com raiva de todo o grupo, o Jesus, o mesmo que a Gê Dias fez parte, foi lá que nos conhecemos e começamos a tramar coisas sobre arte e seu movimentos. Ali organizamos muitos eventos voltados para a juventude.

Em 2001, já bem distante da igreja, a melhor atitude que tomei foi me afastar dali, fui fazer parte do Churume Literário, um movimento de artistas organizado por Bzarro e Quick, conseguiu reunir muita gente que estava produzindo arte e não sabia o que fazer com o que tinha. Foi ali que aprendemos de verdade a criar nossas redes, poetas, atores, atrizes, palhaços, artistas plásticos, todo mundo com o objetivo único de produzir arte e expor nos nossos Varais de Poesia, um dia inteiro de arte na praça Tenente Souza, no bairro da Terra Firme, que rebatizamos de Augusto dos Anjos. O Churume durou até 2005.





Ainda tivemos a Rádio Comunitária, Gê Dias, Bzarro Zangado, eu e outros amigos, fizemos algumas programações em rádios comunitárias e era muito interessante fazer nossa militância e nossa voz chegar mais longe. Em 2007, criamos o Coletivo Utopia Maginalia, com performances teatrais, shows punks, teatro, muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, ampliamos nossa rede e fomos para dentro da UFRA.

Em 2011, fui fazer meu mestrado, fiquei afastada por um bom tempo dessas atividades, mas não da arte, continuei nela, pesquisei o Movimento Hip Hop, os grafiteiros mais especificamente, quando acabei fui direto para o doutorado e continuei na temática, mas dessa vez falei sobre as manas do movimento, sua forma de mudar a história daquele movimento.

Quando acabei o doutorado, em 2019, comecei a organizar a Editora e o Instituto Gato Ed, em dezembro, foi a festa de lançamento, com o livro O Poço. Memórias, de Célia Leite e Leonardo Ferreira, depois veio o e-book, O Encontro, uma coletânea com as mulheres que ajudaram a idealizar a Gato Ed. Mais tarde muitos outros vieram tanto livros artesanais quanto e-books.





Assim, sigo com a Editora e Gato Ed como minha principal atividade. Mas, uma coisa muito importante ainda não foi contada, os pets. Não dá pra conter de um por um, então vou falar do primeiro, Fofo. O Fofo foi o primeiro gatinho por quem me interessei de verdade, na minha casa sempre teve gato, cachorro e muitos outros animais, mas o Fofo foi o que chegou para mudar minha vida, toda a minha história, ele já faleceu, em 2023, com 20 anos. Ele chegou aqui ainda bebê, fugiu da casa do meu primo, que mora aqui ao lado, vieram ele e sua irmã, mas a irmã, em uma das caminhadas de idas e vindas, de lá para cá e de cá pra lá, foi levada e nunca mais voltou. Fofo, mesmo castrado, era um gato que gostava de ter seu território apenas para si, nada de intrusão, ele batia mesmo, não media o tamanho do gato, corria e pegava. Seu principal alimento era a ração, mas gostava também de tomate, de mamão, sushi e outras coisas gostosas, dormia ao meu lado, mas não gostava de colo. Fofo foi o pai adotivo de Ed e seu irmão Burdi, eles chegaram muito novinhos, Fofo ensinou a subir no telhado, andar no quintal, andar no muro, bater no inimigo, caçar baratas, defendia de quem ameaçava os dois. Esse foi o Fofo. Essa é minha história.



Mulheres na Educação



Eu sou,
Eli Pinheiro





Minha trajetória

Sim, uma mulher que não pode iniciar seu breve relato de trajetória sem resgatar minhas raízes como filha única de um casal de trabalhadores: mãe, funcionária pública federal, de nível médio e pai comerciante. Chamo-me Eli do Socorro Gonçalves Pinheiro, nascida em 15/03/1963, em Belém do Pará. Tornei-me assistente social desde 1988 e atuando, também, na docência do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ), desde 2014. Trabalhei como servidora pública na área da assistência social na extinta Fundação do Bem-estar Social do Pará (FBESP) e hoje Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará (FASEPA); Fundação Papa João XIII (FUNPAPA) e Secretaria de Estado de Segurança Pública e Defesa Social (SEGUP) atuando na Ouvidoria do Sistema de Segurança Pública e finalizando na Diretoria de Prevenção à Comunidade (DIPREV). A seguir descrevo resumidamente como se deu e ainda ocorre meus percalços profissionais associados as minhas formações.





Após minha graduação acabei dedicando-me à atividade de trabalho, seja como servidora e como dona de casa afastando-me da academia por optar pela maternidade, tornando-me mãe de dois filhos. Após 15 anos, retomei os estudos fazendo minha primeira pós-graduação em latu senso (2003), seguindo para meu mestrado em Serviço Social (2003/2005). Dando um novo tempo até decidir pelo doutorado, pois trabalhar fora e estudar parece que se torna mais complexo com a idade madura. Selecionada pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA), em 2014, ressaltando que todos cursos acadêmicos foram na Universidade Federal do Pará (UFPA). O ano de 2014 culminou com a aprovação, também, a uma vaga para docente na Faculdade Metropolitana da Amazônia (FAMAZ), hoje UNIFAMAZ.





Acabei cursando meu doutorado trabalhando tanto na SEGUP como em instituição de ensino citada acima. Culminaram nessa época, no campo familiar, o adoecimento de meu pai, o que implicou em várias internações hospitalares e eu, filha única, acabava internando-me por dias ou semanas com ele, licenciando-me do estado para acompanhá-lo, mas ministrando aula no período noturno, pagando alguém para ficar com ele nesses horários de ausência minha, porém voltando para acompanhá-lo ausentando-me, somente, durante as aulas noturnas. Penso ser importante registrar esses percalços, porque vida acadêmica é realmente complexa por vários aspectos e, ao adentrar no PPGA, imaginava que executaria minha tese como a possível merecedora de prêmio, caso houvesse, no entanto hoje questiono como consegui concluí-lo. Perdi meu pai nesse contexto acadêmico, acabei solicitando dilatação de prazo para vir a concluir e defender em 2019. Meu mestrado teve uma situação similar, com minha mãe. Foi meio traumático isso, pois dividir com tarefas e responsabilidades em trabalho formal recaiu em sobrecargas que, talvez, ao gênero feminino se faz mais recorrente.





Sempre trabalhando formalmente, desde os 18 anos, em 1985 fui contratada pelo regime celetista (CLT) como servidora pública estadual, concluindo essa trajetória junto a SEGUP, especificamente na (DIPREV), espaço aonde aprendi a articular com movimentos sociais, especialmente o MLGBTQIA+, organizando e efetivando formações continuadas a servidores da área de segurança pública, especialmente policiais civis e militares, em parceria com representantes desse Movimento e algumas poucas pessoas fora dele, voluntariamente, a fim de executarmos o Programa Estadual de Combate à Homofobia (2008) com o Comitê Gestor do Plano Estadual de Segurança Pública de Combate a Homofobia (2010), em que representantes de órgãos do governo e representantes de cada categoria do Movimento discutiam acerca de políticas voltadas para a segurança pública (PINHEIRO, 2022).





Foi aí que, em 2011, escrevi o projeto da Carteira de Nome Social voltado a pessoas trans – travestis ou transexuais -, aprovado no Conselho Estadual de Segurança Pública (CONSEP) em 11/11/2011 e, seguindo os tramites burocráticos, chegou ao gabinete do governador e foi sancionada como lei através do Decreto 726/2013, de 29/04/2013, como Registro de Identificação Social (RIS), válida no estado do Pará, restringindo o constrangimento de quem optou por um nome que não coaduna mais com seu registro civil, pois a identidade de gênero transitou para outro que não aquele de nascimento. Importante ressaltar que o Pará foi o segundo estado brasileiro a instituir esse documento e, diferentemente, do Rio Grande do Sul, pessoas trans usam apenas uma única carteira emitida por órgão oficial para isso, a Polícia Civil do estado do Pará, cuja identificação com o nome social mais uma foto atualizada por seu gênero assumido consta na frente e, ao verso, os dados constantes do registro civil. Tudo isso para evitar situações constrangedoras, vividas em muitos lugares públicos ou privados, em que costumam não ser respeitadas, apesar de suas expressões de gênero.





Como optei pelos estudos de gêneros e diversidades procuro atuar, em minhas profissões, dando ênfase a essas conduções seja discutindo em sala de aula, promovendo seminários, orientando Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), orientando projetos de pesquisa ou de extensão e, ainda, sendo convidada para atuar como palestrante em alguns eventos de espaços, como: Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” (GEPEM); Coletivo de Saúde (SDM); Secretaria de estado de Justiça e Direitos Humanos (SEJUDH); congressos e seminários da categoria de assistentes sociais. No ano de 2022, tive três publicações no E-book “Políticas públicas e interseccionalidades: diálogos” (ISBN: 978-65-86114-16-4), inclusive nele resolvi publicar sobre como ocorreu a construção da carteira de nome social.

Atualmente encontro-me atuando diretamente na área de gestão junto ao UNIFAMAZ, sendo presidenta da Comissão de Enfrentamento ao Assédio e Discriminação (CPEAD), como parte do Núcleo de Estudos Étnico-raciais e Direitos Humanos (DETH); assistente social e secretária do Núcleo de Saúde Mental (NSM) e, como assistente social do Núcleo de





Apoio ao Docente e Discente (NADD).Recentemente foram efetivadas duas formações aos agentes de portaria discutindo gêneros, diversidades e sobre assédios. Contudo, houve um projeto de extensão que destaco aqui - Discutindo decolonidade com as mulheres atendidas pelo Lar Fabiano de Cristo, articulando a interdisciplinaridade -, por ter sido o que mais gostei, pelo conjunto de detalhes que foram desde o espaço, a interação com a equipe técnica, o contato mensal com as mulheres atendidas por eles, enfim, foram momentos gratificantes de trocas e aprendizagens e no último ano o qual estive coordenando foi com o curso de Psicologia, também uma ótima experiência de trocas com as discentes.



Eu sou,
Denise Machado Cardosos





Lembranças de infância

Sou geminiana, nascida em Belém do Pará no mês das festas juninas, em 1965. Segundo minha mãe contava, ela escolheu meu nome quando morava no Rio de Janeiro, antes mesmo de conhecer meu pai nesta cidade. Era um nome raro àquela altura e quando ela conheceu uma menina que se chamava Denise, gostou tanto que decidiu que daria esse nome à sua filha, caso viesse a ter uma.

Eu gosto do meu nome desde sempre e passei a gostar ainda mais quando conheci sua origem e significado. Denise é um nome de origem francesa, que faz referência à mitologia grega na qual Dionísio é o Deus do vinho, da alegria, da fecundidade e do teatro. Minha mãe contou que eu quase havia sido registrada com o nome de Denise Antônia, em homenagem a Santo Antônio. Mas, como eu nasci em 14 de junho, um dia após o dia deste santo, ficou apenas o primeiro nome, escolhido na cidade do Rio de Janeiro. Em princípio, achei estranha essa composição, atualmente, penso que soaria forte ser chamada pelo potente nome Denise Antônia.





Também gosto do meu sobrenome Machado e o utilizava mais do que o sobrenome Cardoso, tal como fazem meus irmãos. Machado designa meu parentesco pela ascendência materna e parei de utilizá-lo de maneira isolada quando ingressei como docente na Ufpa, em meados da década de 1990. Até então, eu era a prima, a colega, a estudante ou a professora de História Denise Machado.

Quando assumi o cargo de professora de Antropologia, fui aconselhada a utilizar o Cardoso devido às regras de publicação e outras referências. Além disso, durante alguns anos utilizei o nome de casada que apagou por completo o sobrenome Machado, pois havia sido incluído o Gonçalves no meu registro civil. Assinar Cardoso Gonçalves me incomodava porque não parecia comigo e apagava uma parte de mim que eu gostava imensamente, que era o meu parentesco materno. Após o divórcio pude resgatar meu nome de solteira e superei a tristeza de deixar em menor destaque o Machado, pois sempre que possível eu utilizo o nome completo. Ao casar novamente, evitei a formalidade e a troca de nome, mantendo o que trago desde a infância, em especial o que fora dado a mim antes mesmo de eu vir a esse mundo.





Durante minha infância, vivi com minha mãe Deusa e meu pai Francisco, junto aos meus irmãos Flávio e de Fernando, na casa de meus avós paternos. Foram anos de muita alegria e brincadeiras no quintal, nas minhas pequenas casas construídas por meu pai e nas cabanas provisórias construídas por mim e por meus irmãos. Tive poucas amigas na infância porque, sendo menina, eu não podia frequentar qualquer lugar longe das vistas de meus parentes.

Compúnhamos uma família extensa porque morávamos na ampla casa de madeira de meus avós, juntamente com meus tios, tias e primos. Eventualmente, recebíamos pessoas amigas que vinham de outras cidades e se hospedavam em casa. Havia momentos em que meus tios maternos vinham nos visitar e traziam consigo as conversas e a alegria de suas presenças.





No período de férias ia para a casa de tios. Era um momento de felicidade para mim porque eu ia conviver com primas e primos. Brincadeiras sem fim o dia inteiro, comida farta e saborosa, amorosidade e muitas aventuras correndo pelos quintais das casas sem muros e sem cercas. O bairro da Pedreira tinha um cheiro especial para mim, durante as férias ou finais de semana prolongados. Logo nas primeiras horas da manhã, havia o cheiro de café “misturado” ao cheiro de creme dental, durante as horas seguintes eram tantos aromas que eu me sentia em festa. Cheiro de comida sendo preparada, cheiro de animais criados nos quintais, cheiro de árvores, cheiro da roupa passada a ferro, cheiro de amor ofertado fartamente pelos meus tios e primas/primos.

Havia dois eventos que me marcaram muito, pois eram a oportunidade de reencontrar festivamente os parentes próximos e distantes: o Círio de Nossa senhora de Nazaré, no segundo domingo de outubro; e a festa de aniversário de meu avô Arthur Trindade, no dia 01 de janeiro. Nestas duas datas ocorriam a reunião de praticamente todos os primos, primas, tios e tias. Nesse tempo, também era comum visitas aos parentes que moravam próximo da nossa casa. Assim, as mulheres iam com alguns de seus filhos visitar as tias e primas que moravam no próprio Umarizal e no bairro do Telégrafo.





Ainda menina aprendi a bordar com tia Lourdes. Ela tinha uma máquina de costura Singer que havia ganhado de meu avô quando ainda era solteira. Mas, eu não gostava muito dessa atividade realizada logo após o almoço, pois exigia minha permanência na varanda onde o sol “batia” forte. Além disso, achava enfadonho o bordar à máquina e o que eu queria era brincar no quintal.

Queria mesmo era aprender a consertar telhado e trabalhar com ferramentas que meu pai utilizava. Queria fazer o que os homens faziam, queria brincar nos lugares que os meninos brincavam, desejava jogar bola na rua e tomar banho na maré.

Em casa eu conseguia fazer uma ou outra coisa, mas não podia agir como se menino fosse. E isso, trouxe impedimentos na socialização que são efetivadas a partir das brincadeiras infantis, pois aprende-se pela imitação, ensina-se pelos exemplos, evitam-se questionamentos e quebra de regras. Ser menina impôs-me uma série de atividades e aprendizados, além de interditos em lugares e situações.





Ainda menina aprendi a bordar com tia Lourdes. Ela tinha uma máquina de costura Singer que havia ganhado de meu avô quando ainda era solteira. Mas, eu não gostava muito dessa atividade realizada logo após o almoço, pois exigia minha permanência na varanda onde o sol “batia” forte. Além disso, achava enfadonho o bordar à máquina e o que eu queria era brincar no quintal.

Queria mesmo era aprender a consertar telhado e trabalhar com ferramentas que meu pai utilizava. Queria fazer o que os homens faziam, queria brincar nos lugares que os meninos brincavam, desejava jogar bola na rua e tomar banho na maré.

Em casa eu conseguia fazer uma ou outra coisa, mas não podia agir como se menino fosse. E isso, trouxe impedimentos na socialização que são efetivadas a partir das brincadeiras infantis, pois aprende-se pela imitação, ensina-se pelos exemplos, evitam-se questionamentos e quebra de regras. Ser menina impôs-me uma série de atividades e aprendizados, além de interditos em lugares e situações.





Eu também gostava de desenhar e de brincar com livros. Sempre havia um caderno com lápis de cor e sempre buscava livros velhos, sem uso, disponíveis para eu riscar, imitando as pessoas que sabiam ler e escrever. Quando passei a frequentar a escola deixei de cobrir as letras impressas e passei a ler, admirando cada uma delas isoladamente e as palavras que formavam. Incluí a escola como tema lúdico e passei a imitar nossa professora Maria Cordeiro.

Adorava as brincadeiras no jardim repleto de papoula, jasmim e rosas. Era um bom momento do ano, quando as chuvas passavam e podíamos capinar e cuidar da terra e das plantas. Havia sempre muitas flores e ervas para os chás, havia formigas e minhocas, borboletas e aranhas, pássaros e besouros, havia várias cores e aromas. Havia vida nesse jardim!

Às tardes eram sem rotina definida, pois minha mãe e tias realizavam diferentes tarefas. Por vezes, minha tia Lourdes costurava em sua máquina, minha mãe passava e consertava roupas e nós brincávamos ao redor da mesa que ficava nesse imenso cômodo do andar superior da nossa casa. Ao cair da tarde, olhando em direção à Baía do Guajará, era possível observar desta varanda o pôr-do-sol e o anoitecer. Atualmente, os prédios altos, impedem que vislumbremos esta paisagem tão encantadora do modo como fazíamos há tempos.





Em outras ocasiões de nossa infância, ficávamos na sala ouvindo as músicas que tio Arthur colocava em sua vitrola. Eram tantos estilos e canções que não havia rotina nesses momentos. O fruir proporcionado pela companhia e pelas músicas é algo que permanece em minhas lembranças. Nos dias atuais, quando nos reunimos em casa, ouvimos essas “músicas do passado” levando nossas memórias afetivas para gerações mais novas de nossa família. Filhos e filhas, sobrinhos e sobrinhas ouvem as histórias que contamos desses tempos em que morávamos juntos na casa da esquina da rua Municipalidade.

Após o café da tarde, tomado com pão quentinho e manteiga comprados na taberna do Sr. Abílio e da Dona Vivica, inventávamos novas brincadeiras. Mas, a partir do momento em que tomávamos banho era praticamente impossível continuar brincando no quintal, no jardim ou na varanda. Precisávamos nos manter limpos e esta era uma árdua tarefa para nós. A depender do período do ano (inverno ou verão), estendíamos os jogos e brincadeiras até a noite, ou burlávamos as regras e corríamos pelo quintal até o horário de dormirmos. Ainda não havia aparelho de televisão em casa e usufruíamos do nosso tempo com diferentes e divertidas formas de brincar.





À medida que fomos crescendo as brincadeiras foram sendo modificadas. Assistir à televisão se tornou um dos melhores programas da tarde. À noite era bom ouvir música e dançar. Aliás, aprendemos a dançar na mesma noite, ensinados pela Maria Trindade (prima) e sua amiga Mercedes Maia. Era comum nas primeiras horas da noite sentar-se à porta para conversar e a família, vizinhos e pessoas amigas sempre vinham para trocar ideias, ouvir música, contar histórias e piadas.

A bicicleta me proporcionou uma ampliação de caminhos por onde poderia seguir. Aos finais de semana circulava sozinha, ou com colegas da escola, pelas ruas do bairro do Umarizal e do Reduto pedalando horas seguidas, descobrindo caminhos e novas paisagens, eu não sentia medo, não sentia o temor de assaltos e de outras formas de violências que se tornaram tão comuns na atualidade.

A partir da adolescência fomos morar em nossa casa construída ao lado da casa de meus avós. A casa que nos acolheu na infância havia sido uma vacaria, como tantas outras que existiram no bairro Umarizal. Também já tinha funcionado uma garagem de linha de ônibus de meu avô: Viação Trindade. Durante o tempo em que morei na Municipalidade eu não me sentia solitária, pois a família extensa me possibilitou viver com meus primos e primas, como se todos fossemos irmãos e irmãs.





Já estamos na quinta geração e ainda mantemos práticas que existem desde o período em que morávamos juntos. Nas festas; nos encontros de finais de semana; nas vezes em que precisamos de remédio, temperos ou algo emprestado; nos favores em “reparar as crianças”; nas caronas; nos diálogos virtuais proporcionados pelos aplicativos do WhatsApp, Facebook e Instagram; nas fotografias e em outros tantos espaços e oportunidades, vivenciamos nossa ancestralidade, parentalidade e amizade.

A vizinhança, composta por várias outras famílias extensas fazem de meus dias e de minha casa, um lugar/espço permeado por lembranças e amizades que fortalecem laços entre as gerações. Por certo, essa tessitura de histórias compõem uma interessante rede social. Vizinhos se tornaram parceiros de trabalho, prestadores de serviços em diversas áreas (contabilidade, professoras, pintura e reparos, cabelereiras, costureira, etc), compondo time de futebol, sendo padrinhos e madrinhas, casando e ampliando os laços entre as famílias.





Percebo que essa mistura me molda ainda em tempos atuais e é praticamente inviável pensar em mim sem contar com a participação de minha própria família extensa e das demais famílias vizinhas na composição de minha múltipla identidade.



Eu sou,
Nádia Carvalho





Diário de uma tanatopraxista

Eu, Nádia Carvalho sempre gostei da área mortuária essa é uma das minhas paixões, e de seus desdobramentos, então eu havia pago meu curso em 2023, porém não pude participar foi apenas esse ano que por uma providencia divina consegui cursar a Tanatopraxia. Segundo Magno (2024), o conceito de Tanatologia vem do grego, sendo que Tanato significa MORTE e logia ESTUDO, portanto a palavra





faz referência ao estudo teórico da morte. TANATOPRAXISTA: são cuidados e procedimentos dispensados ao corpo após a morte.

Estes procedimentos existem desde antes da era cristã, após os egípcios ressaltaram que tinham um conhecimento avançado em sua civilização sobre decomposição do corpo e das medidas necessárias para preservar o mesmo.

Neste sentido, após participar de grupos de redes sociais minha curiosidade e perder entes queridos aumentou. Procurei, portanto um curso que pudesse aprender e ter minhas percepções enquanto tanatopraxista. Para minha alegria tinha curso em Belém, foi quando resolvi participar já com uma preparação prévia emocional e espiritual, já que lidar com a morte não é fácil, ainda é um tabu em nossa sociedade.





aumentou. Procurei, portanto um curso que pudesse aprender e ter minhas percepções enquanto tanatopraxista. Para minha alegria tinha curso em Belém, foi quando resolvi participar já com uma preparação prévia emocional e espiritual, já que lidar com a morte não é fácil, ainda é um tabu em nossa sociedade.





Irei descrever três dias de minhas experiências e percepções sobre como o tanatopraxista atua. Este é um trabalho sensível, pois lidamos com a morte o tempo todo e para isso temos que ser acima de tudo humano, profissionais sim, porém humanizados.

Inicialmente as aulas são teóricas, com explicação do corpo humano, sobretudo o sistema circulatório que é o mais importante não que os outros não sejam, mas é preciso conhecer artérias, veias, como os produtos são injetados, conhecer o material utilizado como os cirúrgicos.

É importante utilizar em todo trabalho os EPI's que são os equipamentos de proteção contendo avental com mangote, máscara, touca, óculos de proteção, proteção para os pés. Todos esses materiais são descartados em locais adequados após o uso e para atender outro corpo, são necessários EPI's novos e descartáveis após o uso, para se evitar contaminação ou algum acidente de trabalho.





Para todo corpo que chega a funerária é necessário um tipo de procedimento, já que alguns são mortes naturais, acidentes automobilísticos, acidentes domésticos, assassinatos, suicídios entre outros.

No primeiro dia de preparação de corpos, ficamos aguardando quem seria por temos essa ansiedade sim, em saber principalmente a causa da morte.

Bem, chegou um corpo do IML (Instituto Médico Legal), ela havia passado pela necropsia que analisam a causa da morte. Era uma senhora de meia idade, faleceu devido a um acidente de moto na moto romaria no Círio, a mesma estava com poli traumatismo.

A família estava consternada e bastante triste, foi uma fatalidade, segundo os familiares da mesma. Eles quiseram uma preparação e urna simples. Iniciamos os procedimentos mediante autorização





da família, com a remoção do que veio do IML no corpo, como pontos na região abdominal e pélvica para que os órgãos fossem tratados, lavamos o corpo, colocamos medicamentos em ferimentos, lavamos os cabelos, colocamos os órgãos na cavidade abdominal e crânio.

Após a aspiração fechamos o corpo com sutura e tamponamento (preenche os orifícios como nariz e boca com algodão específico para que secreções não sejam liberadas no momento do velório). Depois, colocamos na urna vestimos a roupa enviada pela família e ornamentamos a urna com flores estando pronta para ser entregue a família pela funerária para o velório de seu ente querido.

Esta senhora estava com seu esposo na moto, ele não se machucou e possivelmente estavam pagando uma promessa ou agradecendo a Nossa Senhora de Nazaré pelas bênçãos alcançadas.





no momento do velório). Depois, colocamos na urna vestimos a roupa enviada pela família e ornamentamos a urna com flores estando pronta para ser entregue a família pela funerária para o velório de seu ente querido.

funerária para o velório de seu ente querido.

Esta senhora estava com seu esposo na moto, ele não se machucou e possivelmente estavam pagando uma promessa ou agradecendo a Nossa Senhora de Nazaré pelas bênçãos alcançadas.





É muito complicado quando situações assim acontecem, pois somos treinados a não expressarmos nossos sentimentos e emoções, porém somos seres humanos que também possuem entes queridos e muitos se colocam no lugar da família como eu sempre me coloquei.

A pessoa foi a uma cerimônia religiosa e volta para casa sem vida, isso me fez ficar triste, porém tínhamos que tratar o corpo e deixar de lado por alguns momentos minhas emoções e agir de forma racional para poder realizar os procedimentos adequados.

Neste sentido, minhas emoções afloraram as vezes senti vontade de chorar que logo foi passando já que havia uma família esperando o corpo e estavam muito emocionados com tal fatalidade, que ela esteja sido bem recebida em outro lugar que pode ser melhor que este mundo.

Em outro dia até então normal, chegou uma pessoa (corpo), a causa morte foi chocante foi esfaqueada pela própria tia. Essa moça tinha 29 anos e alegam que era usuária de drogas e estava grávida.





Essa moça me emocionou bastante, apesar de sermos profissionais acima de tudo, temos sentimentos. Porém era parecida com minha filha isso me fez refletir bastante, sobre o quanto estamos expostos a morte todos os dias.

A família estava consternada, a mãe mal podia falar estavam em choque. Então, recebemos o corpo e tratamos com carinho seus ferimentos fazendo as suturas, demos banho no corpo, aplicamos os medicamentos para conservação do mesmo e demos outro banho, lavamos os cabelos dela, a secamos e vestimos sua roupa, um vestido escolhido por alguém da família a urna foi ornamentada e ela encaminhada pela funerária para o velório o local foi decidido pela família.

Esta moça era uma jovem com uma vida pela frente, mas estava doente e precisava de tratamento este que nem sequer ela teve o direito ou alguém que a levasse a fazê-lo. Além disso, estava bastante machucada, pois havia se defendido dos golpes de arma branca, eram muitos ferimentos eu nunca havia visto nada igual.





conservação do mesmo e demos outro banho, lavamos os cabelos dela, a secamos e vestimos sua roupa, um vestido escolhido por alguém da família a urna foi ornamentada e ela encaminhada pela funerária para o velório o local foi decidido pela família.

Esta moça era uma jovem com uma vida pela frente, mas estava doente e precisava de tratamento este que nem sequer ela teve o direito ou alguém que a levasse a fazê-lo. Além disso, estava bastante machucada, pois havia se defendido dos golpes de arma branca, eram muitos ferimentos eu nunca havia visto nada igual.





Ela estava com inúmeras perfurações por arma branca (faca), nas costas que perfurou os pulmões, nos braços possivelmente tentando se defender, na área das axilas e tórax. Isso me deixou extremamente triste, pois imagino o desespero e a dor que sentiu até sua morte, sem chance de se defender ou alguém a defender.

Imagino o que leva alguém fazer tal maldade, será por impulso ou premeditado, que tipo de pessoa faz isso e foge do local sem saber onde estará. Fico imaginando o que se passou na mente dessa moça quando viu que iria morrer, o mais chocante que foi a tia que ceifou sua vida. Somente a família pode responder esses questionamentos e a investigação criminal.

Eu espero que a polícia resolva o caso, a vida da moça não volta mais, somente a justiça agora irá resolver. Este foi um caso que chegou para nós tanatopraxistas que mexeu com todos, já que ela estava grávida de poucos meses, não se sabe se a família sabia, mas foram ceifadas duas vidas que tinham um futuro pela frente e quem sabe essa criança mudaria a vida da mãe, como citei acima lembrei de minha filha.





Neste mesmo dia, eu estava na recepção da funerária quando chegou um rapaz chorando bastante, pois havia acabado de perder a mãe. Eu o consolei e falei sobre os procedimentos necessários para realização do velório, ele me contou que a mãe havia passado por uma longa luta contra o câncer, eu o acolhi e disse que ela seria muito bem cuidada pelos tanatopraxistas. Este momento é delicado, porém é preciso e ela voltaria para seu lar em despedida e que agora não estava mais sentindo dor.

Esta senhora estava bastante debilitada, iniciamos os procedimentos necessários e foram poucos haja vista, seu estado e demos banho nela, vestimos a vestimenta ao fim ornamentamos a urna vermelha que era a cor preferida dela e fechamos para entregar a família.

Vale ressaltar, que os procedimentos e medicação são para conservação do corpo e melhor aparência, sobretudo, rosto e mãos que ficam descobertos para despedida. O trabalho foi realizado com bastante carinho e a família ficou satisfeita ao darmos uma aparência melhor para ela, inclusive com touca, pois estava careca devido a quimioterapia.





No período da tarde, recebemos um corpo vítima de acidente de trânsito era um homem já idoso. Ele era do interior do estado, sua preparação foi demorada devido o traslado do corpo para sua cidade de origem.

Ele veio do IML, já havia sido necropsiado e faleceu por traumatismo craniano. Neste caso, foi necessário a reabertura do corpo e tratamento dos órgãos, assim como o crânio. Após este processo, houve o banho, ele foi barbeado, cabelos escovados, roupas vestidas e urna ornamentada, devidamente fechada para seu traslado de despedida daqueles que a amavam.

Algo importante, tudo a família escolhe desde procedimentos da tanato, necromaquiagem, roupas, urnas e ornamentação.

No outro dia, chegou o corpo de uma senhora o que me chamou atenção foi seu semblante tranquilo, parecia estar em paz. Já que cada pessoa que chega para preparação dependendo da causa da morte tem um semblante diferente, ela nos passou uma tranquilidade na realização do trabalho.





O procedimento foi rápido e ágil, pois havia falecido de causas naturais e fizemos o trabalho da tanatopraxia que a família solicitou, em seguida demos banho, vestimos a roupa com carinho e colocamos ela na urna ornamentada, seguindo seu curso de velório para despedida daqueles que a amavam.

Impressões sobre a Tanatopraxia

Sabe-se que a vida e a morte são uma linha tênue e frágil, ninguém sabe a hora e o momento que iremos partir. Porém, em alguns casos como suicidas eles escolhem o método e hora da partida, para um lugar que não sabemos, mas que muitos pressupõem.





Lidar com a morte é necessário que o espiritual e o emocional esteja alinhado e equilibrado. Haja vista, a morte ainda ser um tabu em nossa sociedade e muitos não gostam nem sequer de conversar sobre isso, dizem que traz mal pressagio.

Diferente de muitas culturas que a morte é algo natural e é vista de maneira normal por suas populações, é preciso extrema sensibilidade ao lidar com familiares, amigos, e com os corpos que chegam até as funerárias para serem preparados. Além de sensibilidade, o acolhimento tem que ser humanizado, já que todos estão abalados, independente da causa morte, pois foi o amor deles que faleceu e necessita de cuidados para última despedida.





O que aprendi sendo tanatopraxista, que devemos amar, brincar, perdoar, comer, rezar, conversar, sair com amigos, abraçar familiares, dizer o quanto se ama e pedir perdão hoje, porque o amanhã.... Ah! O amanhã.

Antes de iniciar o trabalho, momento de oração do Tanatopraxista:

Pai! Neste momento rogo mais uma vez a vossa proteção. Encontro-me diante deste corpo humano inerte, destituído de vida, cuja caminhada eterna acaba de findar.

Pai! No exercício da minha atividade como tanatólogo, peço a vossa permissão para adentrar o íntimo deste sacrário físico, pois pretendo fazê-lo com o mais profundo e sincero respeito, tendo sempre presente em minha consciência de que este ser amou e foi amado, respeitou e foi respeitado, lutou para viver, semeou, colheu, vivenciou vitórias e derrotas, edificou esperança, cumprindo com o desígnio que lhes foram determinados.





Pai! Elevo neste instante o recôndito de minha fé, tributando a esta criatura vibrações de paz e harmonia, rogando aos socorristas do mundo invisível para que retirem, caso ainda não tenham retirado, a chave divina que habitou esta matéria, guiando-se às hostes de seus merecimentos conquistados – desligando os liames físicos, para que nesta mesa permaneça única e somente a composição orgânica na qual praticarei meu desiderato.

Pai! Obrigado por tudo quanto tenho recebido, pois sei e sinto que ao iniciar meu trabalho, mais uma vez as minhas mãos estarão seguras e guiadas por vosso infinito amor, que sempre protegeu e protegerá a minha saúde e a minha integridade física.

Assim seja!



Mulheres no Jornalismo



Eu sou,
Gê Dias





Minha trajetória

Geisianne da Silva Dias, a Gê Dias, está com 42 anos e é jornalista, atriz e ativista social. Mulher negra, bissexual, cisgênero e feminista, nasceu e se criou na Terra Firme, periferia de Belém, começando adolescente nas artes cênicas em seu bairro.

Foi aluna dos teatrólogos Genésio Barros e Otávio Freire e participou de montagens como a Paixão de Cristo, Quadro nosso de cada dia e 500 Brasis, em projetos fomentados por seu professor de História Josué Costa, o Shalom, na Escola Brigadeiro Fontenelle e por Otávio e Genésio na paróquia de São Domingos de Gusmão e suas comunidades.

Nesta igreja católica também foi do Grupo Jesus, na pastoral da juventude. Frequentadora assídua de cursos, intervenções e ações culturais, esteve nos saraus de poesia e movimentações artísticas do Churume Literário, movimento artístico e juvenil organizado por Leila Leite e André Leite, entre os anos de 2001 a 2005.





Através de oficinas organizadas pelo Grêmio Estudantil do IEEP, o qual sua irmã Ritinha Dias fazia parte da organização, assim como participava no bairro, conheceu e ingressou na Companhia Maromba de Teatro e Dança, dirigida por Ramon Stergmann, participando como atriz, dançarina e assistente de montagem das peças Uriel - o arcanjo do Senhor e Um buraco no fundo do quintal, de autoria do dramaturgo. Já na Escola Orlando Bitar participou do Grêmio Estudantil Rosa Luxemburgo.

Ainda estudante do ensino médio, foi auxiliar de secretaria da FADESP/UFGA, em um convênio entre a fundação, sua escola e Funpapa, via programa Meu Primeiro Emprego da Prefeitura de Belém. Em 2001, prestou serviços como oficina de teatro dos projetos da Coordenadoria de Esporte e Lazer da SEMEC/Belém, nas escolas Paulo Almeida Brasil e Honorato Figueiras.

No ano seguinte trabalhou como agente comunitária de saúde e se matriculou no 2º ano noturno da escola Vera Simplício, no bairro do Telégrafo, saindo de ambos após grave sequência de agressões físicas, patrimoniais e psicológicas feitas pelo pai de sua filha, que por pouco não lhe custaram a vida.





JSendo mãe muito jovem, sofreu com sua família esta série de agressões e violências promovidas por Ângelo Madson e alguns de seus familiares, ocorridas de modo mais incisivo entre os anos de 2001 a 2008.

Mesmo sendo a vítima, convivendo com as sequelas e tendo dificuldade de entender a extensão do drama, da corrente de mentiras e da dor que lhe fora imputada, continuou insistindo em reergue-se com coragem e com a ajuda da rede de apoio articulada a sua volta em um período de grande persistência nas lutas pelos direitos femininos, marcado pela conquista da Lei Maria da Penha, as quais lhe garantiram a sobrevivência e a medida protetiva para enfrentar as agressões que sofria.

Faço uma pausa aqui para falar o quanto é difícil escrever sobre si em 3º pessoa. Em muitos trechos em que escrevi e reescrevi essa biografia, pensei como falaria de mim em linhas e se conseguiria ocultar algumas das desgraças e das marcas que me atravessarão para sempre, algumas realmente neste texto escolhi não falar.

A pergunta que assunta este projeto nos joga a bola, e por acaso não sou eu uma mulher? Com toda certeza sim! Contraditória, controversa, um furacão que transbordo para fora de mim.





Alguém que muitas vezes achou que não suportaria mais sua identidade de gênero, que preferia ter nascido homem porque cedo percebeu que o mundo é bruto e da persona masculina, e que vive em uma das encruzilhadas do mundo moderno, por acreditar que não existe derrota do patriarcado sem a participação de todes, todas e todos para a desmontagem das estruturas machistas, que submete a masculinidade tóxica pais, trabalhadores e jovens, que precisam urgente dividir com nós mulheres o peso de nossa luta diária contra as disparidades de gênero, o assédio, os salários rebaixados, a insegurança, a violência, os silenciamentos, até a quebra do ringue que virá para as próximas gerações.

Hoje já não me assusta mais ser mulher. Pois, me fortaleço em meus princípios e me vejo satisfeita com minha trajetória, vivendo cada uma das histórias de meu tempo)

Continuando, colaborou com o Orçamento Participativo (OP) e o OP da juventude e também foi mobilizadora social do Congresso da Cidade até o ano de 2002, no distrito do Guamá (DAGUA).

Viveu a partir de 2003 até meados de 2009 uma relação afetiva com a pedagoga e atualmente também jornalista Rita Ribeiro, uma parceria na maior parte destes anos de felicidade e de restauração de sentimentos para seu crescimento pessoal.





Enfrentando o desemprego e vendo o trem de sua história correr no trilho de sua vida com a velocidade da luz, pois não havia concluído nem o ensino médio, empreendeu junto com as amigas de bairro e de Comunidade Eclesial de Base, Nazinha Cruz e Rose, o bazar Maria Bonita na Terra Firme em 2005 e 2006, onde negociavam peças e acessórios doados e customizavam artigos de vestuário.

Partidária desde o seu primeiro voto, foi filiada ao Partido dos Trabalhadores até 2005, militante da extinta Força Socialista, retirando-se por questões divergentes, mas guardando um tremendo agradecimento pelos aprendizados na juventude, no coletivo de mulheres (peça chave para seu restabelecimento como ser humano violentado) e nas fundações Perseu Abramo, Genilton Batista e Centro Memorial Cabano, onde pôde fazer formações políticas que lhe a conferiram um entendimento social de sua condição como militante.

Foi babá, diarista de limpeza, vendedora de lanche, atendente em escritório de advocacia, auxiliar administrativo do Unafisco Nacional e do Sindicato dos técnicos da UFPA . Atuou como líder da Pastoral da Criança na comunidade Dom Guido, em seu bairro, e foi pernaltas no Arraial do Pavulagem, fazendo uma montagem com a Companhia Nós, os Pernaltas, de Johnny Russel.





Tentou o processo seriado no antigo DESU, sem conseguir atingir as médias para concluir o ensino médio e ingressar na universidade, um de seus maiores sonhos, pois vem de uma família em que a primeira pessoa que entrou na universidade foi sua irmã Geovana Dias, que passou no vestibular da UFPA para geografia em 1999, e sua segunda irmã Ritinha Dias a primeira a concluir o curso superior em serviço social na UNAMA, reatrelou seus projetos de ser comunicadora com sua crença na transformação de vida através do conhecimento e voltou ao ensino regular noturno em 2007, na Escola Celso Malcher, na Terra Firme. Participou das reivindicações pela reforma desta escola e concluiu o ensino médio em 2008.

Na época, a unidade de ensino funcionava improvisadamente em um antigo galpão de materiais de construção e para sua reforma, a escola foi remanejada provisoriamente para o salão paroquial de São Domingos de Gusmão.

No segundo semestre de 2009, usando sua média do Enem, conquistou uma bolsa do ProUni na Feapa no curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Conciliou o curso com o trabalho no sindicato dos técnicos e militou na Enecos e no centro acadêmico de seu curso.





Em 2010 conheceu seu namorado, Mauro Miranda, com quem mantém uma relação até hoje. Filiada ao PSOL desde 2011, já atuou nos setoriais de juventude, mulheres e LGBT+ do partido, sendo parte da corrente Ação Popular Socialista, e onde construiu relações de forte carinho e acolhimento, como a que tem com a camarada Maria de Nazaré Rosa Soares.

Lutando contra a depressão e a ansiedade, em 2012 se formou, defendendo o TCC com o tema "Que batuque é esse? A (in) visibilidade das religiões de matriz africana nas coberturas midiáticas em Belém", um estudo etnográfico do fazer comunicacional em quatro terreiros de Belém, em comparação com a abordagem feita pela imprensa local, considerando-se a intolerância e o racismo religioso.

Seu terreiro, Acyomy, ilê de candomblé ketu, localizado na Terra Firme, esteve entre os templos religiosos de sua pesquisa. Trabalhou cobrindo as férias de uma colega no jornal Diário do Pará e no mesmo ano, também prestou serviços para o programa Pará News, do apresentador Barriery Ramon, na Rede TV Belém.

Anos antes, fomentou com Leila Leite, Cassiane Beatriz e Paulinho Gomes a montagem teatral Utopia. Depois seguiu com Leila para a rádio utopia marginália. Hoje continua com Leila, Lucélia, Ritinha, Raida e demais parceiros na editora e instituto Gato Ed, onde ajudam pessoas a seguirem construindo a literatura e as artes periféricas e cuidando dos animais.





Como fez com sua mãe, Deia Silva, autora do livro *Atrevimento*, Danillo Pietro Craveiro, autor do livro *Encontro de almas*, e tantos outros que já passaram pelo instituto. Seu selo na editora é o Mik, felino de sua sogra Rosinha, um gato muito esperto, carinhoso, dócil e manhoso que já tem 9 anos.

Desde 2013 compõe a equipe de comunicação do Sintepp, junto com o jornalista e parceiro de sonhos Aguinaldo Ferreira, onde dedicam-se à produção e divulgação de conteúdos comunicacionais para a entidade, que luta em favor da valorização profissional da classe educacional paraense e por melhorias na educação pública brasileira. Em 2016 entrou na ONG Olivia, que trabalha para que pessoas LGBTQ+ tenham acesso a políticas públicas e a convivência social dentro do respeito às suas diversidades. Filiada ao Sinjor/Pa desde 2014, como sindicalista está na segunda gestão como segunda tesoureira do sindicato, além de fazer parte da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial no Pará.

Sua escrita é esporádica, pois têm que conciliá-la com seus compromissos profissionais. Sempre que possível, usa suas redes sociais e da Gato Ed para divulgar o que escreve, como fez com *Canibais de nós mesmos*, *Celeste fora da caixa*, *Rosa e Amor de papel*, estes dois poemas publicados em 2020 e 2021 ainda com seu pseudônimo Celeste Silva. Leia-os:





Rosa

Tens o perfume das manhãs de outubro
A mais bela memória
Em teu caule, os espinhos que me rascam a'lma
Tens a clareza do dia que teima em amanhacer
Na tua nutrição da água da noite os cantadores vem se
abastecer
Tens o sortilégio da solidão
E caminhas pelos passos que tu mesma escolheste te
fundar
Ainda que só, no meio do jardim não te perdes
Tua beleza, de novo, sempre e sempre, me inebriou.

(De 2020, com a assinatura de seu pseudônimo
Celeste Silva).



Mulheres na Música



Eu sou,
Ligia Saavedra





Minha trajetória

Me chamo Lígia Maria Ribeiro Martins, mas uso Lígia Saavedra desde a década de 80, por gosto. Nascida em 08 de junho de 1954, filha de pais machistas que preferiam um menino, tive que me adaptar muito cedo a rejeição e aos percalços da vida.

Aos 6 anos já tomava conta da casa, limpava, cozinhava e tomava conta do meu irmão que era o xodó da família.

Meu pai, carioca de Campos dos Goytacazes, trabalhava em uma grande Construtora do Rio de Janeiro, viajava por todo o país, trabalhando e construindo novas famílias até que em uma dessas viagens nos abandonou pra sempre.

Eu, muito travessa, sapeca e revoltada ouvia de minha mãe todos os dias que a culpa dele ter-se ido era minha e isso foi me fazendo descobrir uma vontade louca de ser aceita pelo mundo que tanto me maltratava.





Minha mãe gostava de cantar, me fazia acompanhá-la e foi onde me encontrei. Aos 15 anos, grávida me casaram com o meu primeiro namorado que da igreja foi pra casa dele.

Tive a criança que quando chorava, eu chorava também e ficamos juntos por pouco tempo até que ele foi morar com o pai e segui meu caminho no Rio de Janeiro.

Estudava, trabalhava e ganhei um violão que me deu uma nova vida. A família de minha mãe era formada por muitos músicos e talvez por isso demorei pouco tempo para aprender a tocar, apenas algumas notas mas o suficiente para soltar a voz. E assim nasceu a cantora, Lígia Saavedra.

Um segundo casamento me presenteou com duas meninas lindas que me fizeram pensar em voltar pra Belém, ter um cantinho e sossegar.

Na volta do Rio de Janeiro conheci uma turma de músicos que moravam em frente da casa da minha mãe, na Cidade Nova e aí se deu o grande encontro.

Éramos uns oito, às vezes dez e íamos tocando de bar em troca de alguma bebida, diversão e alegria.

Nossa carreira foi meteórica.

Uma madrugada um abençoado nos levou pra tocar num bar do Telégrafo e lá recebemos o primeiro convite para tocar "profissionalmente".





Tocamos três semanas, logo fomos contratados para tocar noutro lugar e menos de dois meses depois estávamos tocando no Axé, um bar conceituado, muito bem frequentado e que ficava em frente de uma Faculdade particular.

Uma noite um senhor japonês, me chamou e me entregou um cartão dizendo que o procurasse no outro dia. Fomos contratados pra tocar no Belém Hilton, fiquei a frente do grupo que teve que ficar apenas com quatro componentes.

O Grupo Pau Brasil, foi um grande sucesso nos abrindo várias portas e nos trazendo o reconhecimento de todos, pois estávamos diariamente nas colunas sociais e sendo contratados para muitos eventos. Eu cantando muito e me destacando cada vez mais.

No Belém Hilton muito bem conceituada pela direção do hotel, sempre era chamada para recepcionar turistas, cantar em passeios, cantei até para o rei Carl Gustaf, da Suécia. Fui apresentadora de Karaokê e também fiz a palhaça Halleygria, em homenagem ao cometa que passava por aqui em 1986.

Contratados para uma temporada no Restaurante Lá Hacienda, do Bogotá Hilton lá fomos nós para nossa primeira viagem internacional.





Sucesso absoluto. Que nos renderam mais contratos para o Marrocos e para a África do Sul. Mas, nem tudo foram flores, uma desavença deu fim ao Grupo Pau Brasil.

Continuei no Hilton por mais algum tempo e convidada, fui defender uma música num Festival em São Luís do Maranhão.

Em terras Gonçalves encontrei o sucesso do meu viver. Cantando quase todos os dias e com o apoio de Roberto Ricci, um dos maiores violonistas cegos do mundo, rapidamente cheguei ao ponto X da música.

Cantando em praças, teatros, bares e sendo aplaudida por todo o Maranhão, a alegria, o prazer era imenso. Participando do Festival de Música Popular do Maranhão, ganhei o troféu Governador Cafeteira com o Melhor Arranjo da música "Ser Vida", cujo o prêmio foi a gravação de um disco de nome "TRIBO", ao lado de grandes nomes da música popular do Maranhão como Zeca Baleiro, Zeca Tocantins, Rita Benedicto entre outros.

Também ao lado de Roberto Ricci, fui puxadora oficial da Escola de Samba, Turma do Quinto, na avenida. Outro casamento e volto pra Belém, não sem antes me apresentar em outros estados brasileiros como Manaus, Macapá, Goiás, Rio Grande do Sul entre outros.

De volta a Belém, me apresento em teatros, bares, praças até a morte do meu filho Alex, aquele que me fazia chorar quando chorava...





A culpa pelo abandono foi demais e uma depressão avassaladora tomou conta de mim exatamente quando estava em estúdio gravando o CD da minha vida.

O "ALÉM DOS MUROS", título da música do meu parceiro Pedrinho Cavallero e que por conta do triste acontecimento não foi divulgado. Foram dois anos internada em mim, lutando com a depressão.

Alguém me mostrou o Overmundo, um site da Petrobrás de poesia e o meu reencontro com a vida, com arte e com os versos. Isso faz tempo e partir daí escrevo.

Hoje com muita honra sou Poeta Imortal da ALANIN, Academia de Letras de Ananindeua, ocupando a cadeira nº 6 pertence a Benedicto Monteiro, a quem muito devo e agradeço.

Minha força de vontade, a arte, a música e a poesia me alavancaram o viver transformando uma sofredora em vitoriosa MULHER .





"NADA SABES DE MIM, NEM DE SINATRA"

Não devias então,
ter-se molhado em mim
criando vida do prazer.
Fingindo entoar
o rock dos ingênuos
enquanto a janela balançava
a dor da inocência
que eu não mais queria.

Desvirginada à essência
num embrião abriguei-me irmã do ser
Criatura minha
que comigo nunca o sol dormiu

provocando total desordem
nas tristes nuvens onde deitei.

Aqui, Sinatra sopra em minha voz
a calma que em tudo se espalha
enquanto a loucura adorna a lembrança
"...Strangers in the night, two lonely people..."

(Lígia Saavedra em Si bemol)





A DONA DE UMA SÓ POESIA

Qual de vocês se faz compreensão?
Se abro a dor no momento exato
que aspiro o pó de onde vim
E centenas de envenenadas flechas
cruzam meu peito?

Aqui, agora, eu de braços abertos
desconsolada e em prece
vislumbro o sorriso
que desenhei em sonhos
e o sentimento parido
se transforma
em sentimento partido.

O verbo ecoa translúcido,
mas é incompreensível.
Sinto em mim uma linda pérola negra afogada
num grito sem eco.
E a lembrança do rugido pranto rasga a vida.
Finda a consciência.





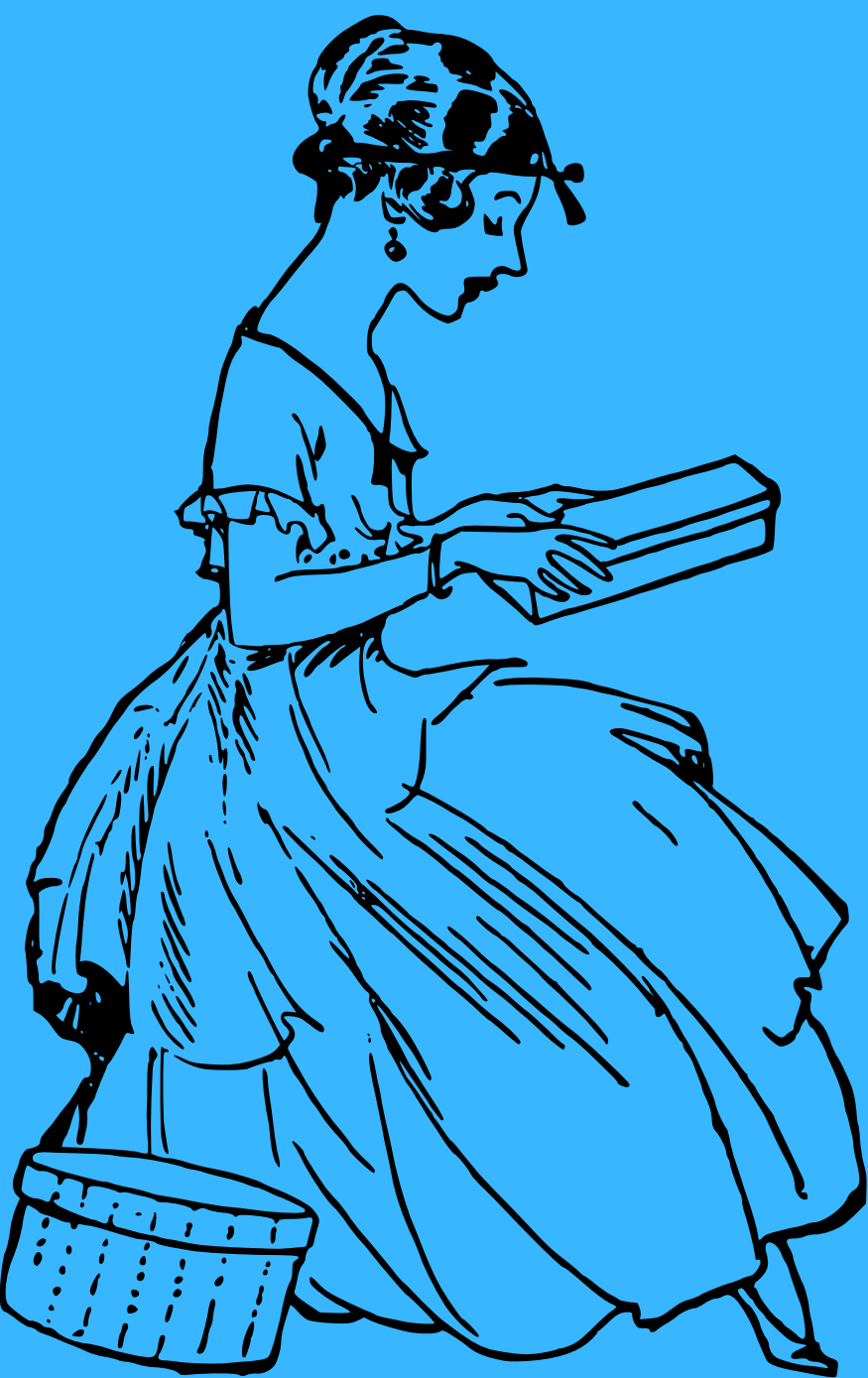
Fecho a alegria
no exato momento em que respiro saudade,
Mas a vida e ao pó voltarei e não irei triste.

Lígia Saavedra em Si Bemol

Sobre a obra:
A morte rejeita explicações...



Mulheres e o cansaço



Eu sou,
Yveli Luna de Azevedo





Quando falar? Quanto calar?

Uma das perguntas mais difíceis de saber a resposta, hein?!? Essa semana eu calei, estava muito cansada para retrucar:

Fui assediada três vezes das formas mais variadas e calei, calei conscientemente. Uma foi por um contato profissional, outra por um amigo que reencontrei depois de um bom tempo, a terceira foi por um cara insuportável q tem uma oficina de bicicleta. Pedi para ele encher os pneus e ele fez um comentário podre de que eu não tinha conhecimento sobre o meu próprio meio de transporte.

Mas eu estava cansada com as minhas próprias demandas do dia-a-dia e resolvi calar. O machismo, que dá aos homens a segurança, a confiança de que eles têm direito sobre os nossos corpos, de opinar sobre nossas vidas, nos objetificando, está no sangue, não, está no cérebro, é estrutural, porque está em nossas estruturas sociais, culturais e cerebrais. Houve ainda uma conversa com um colega, militante de esquerda, todos machos, certo?!? A conversa rolou no sentido dele manifestar como nós feministas, devemos acolher, ensinar o macho, coitado, ele mesmo afirmou que se sentia excluído em alguns eventos feministas em que já havia participado.



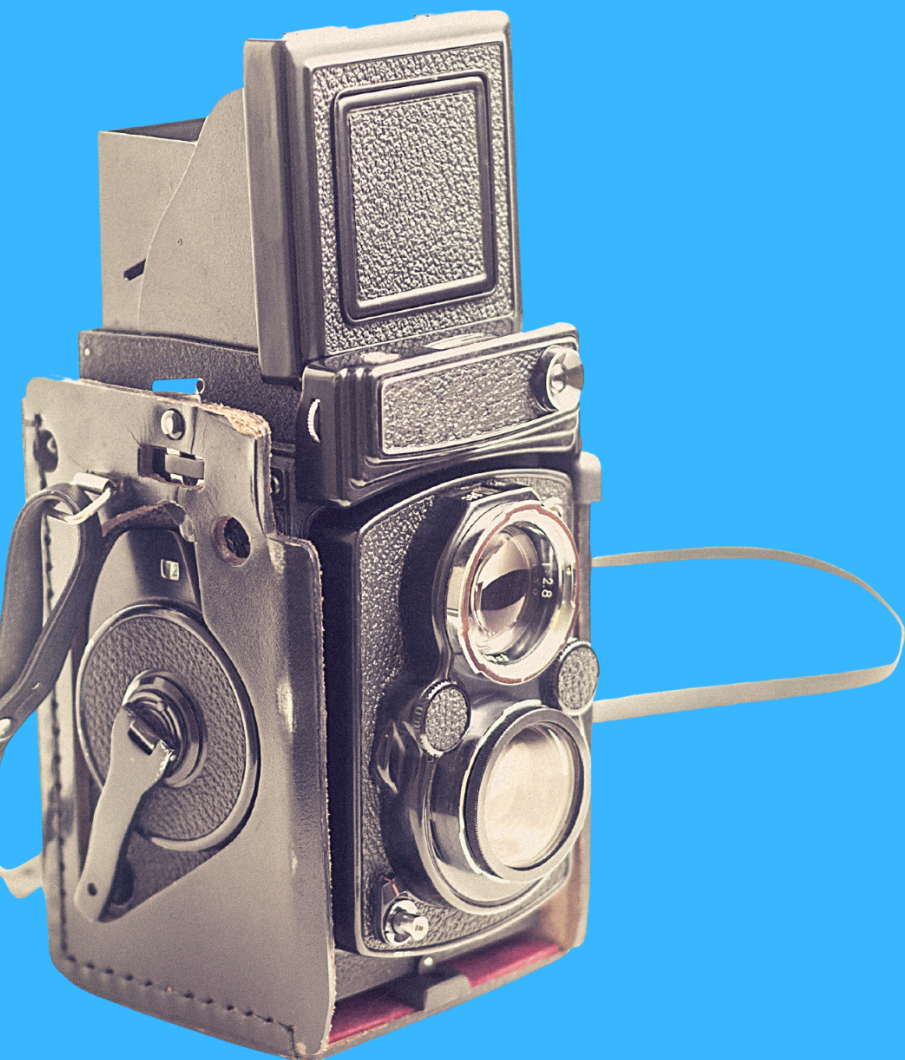


Ele ainda ressaltou q perdemos um colega de militância, muito valioso, pelo julgamento dele, devido a nossa intolerância feminista em aguentar baboseiras e desrespeito, homofobia, falas capacitistas e ofensivas. Sim, eu calei, como já disse, eu estava cansada. Mas depois vim elaborar todo esse conteúdo aqui sozinha, no sossego do meu lar. Eita, não foi uma semana fácil, não, colegas. Sigamos fortes e atentas aos sinais de opressão dos nossos dias comuns.

Sou Yveli Luna de Azevedo. Uma mulher exausta, nasci em Belém do Pará, em 07-08-1975. Moro em Castanhal-PA.



Algumas imagens

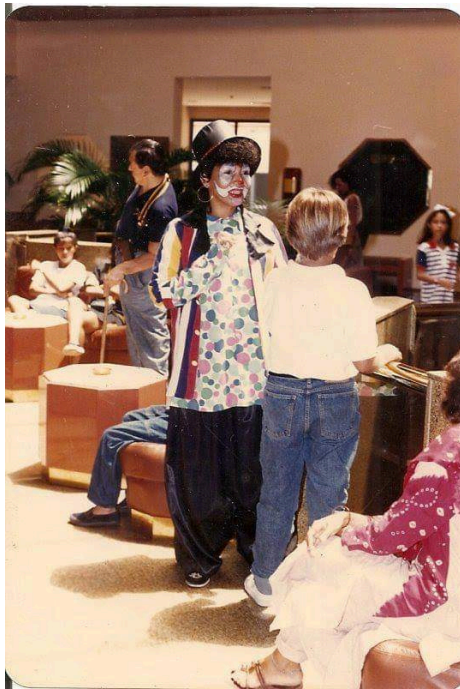








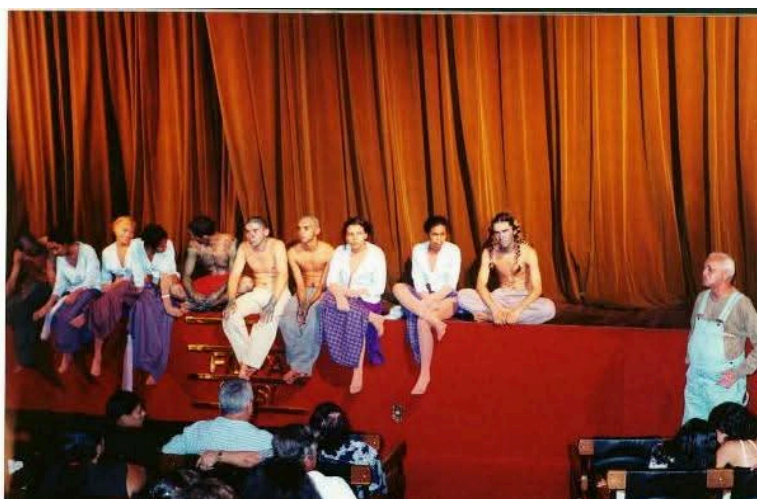
















Editora



Gato Ed